

# O CALENDÁRIO DE GEZER E SUAS IMPLICAÇÕES NA COMPREENSÃO DO TEXTO BÍBLICO\*

Elias Brasil de Souza  
Jônatas de Mattos Leal

## RESUMO

A inscrição em pedra calcária escrita em paleo-hebraico, que hoje é conhecida como Calendário de Gezer. É um dos exemplos mais antigos da língua hebraica, remontando ao hebraico usado nos dias de Davi e Salomão. Este achado muito contribui para o estudo do desenvolvimento do texto massorético. A análise da natureza, propósito e conteúdo do Calendário de Gezer, bem como do texto atual do Calendário de Gezer, no que diz respeito a sua sintaxe, ortografia e vocabulário contribui de modo expressivo para a compreensão do texto bíblico. A pesquisa do Calendário de Gezer oferece um maior esclarecimento sobre o ciclo sazonal agrícola da Palestina nos tempos do Antigo Testamento e um melhor entendimento do background agrícola de algumas passagens da Bíblia. Além disso ela provê evidência da difusão da escrita durante a ocupação israelita da terra de Canaã bem como de sua religião javista. O que se coaduna com a evidência que emerge da própria Escritura.

## ABSTRACT

The inscription in limestone written in paleo-Hebrew, which today is known as Gezer Calendar, makes it one of the oldest examples of Hebrew, dating back to the days of David

\*O presente trabalho reúne reflexões do Projeto de Iniciação Científica do aluno de Teologia do SALT/IAENE Jônatas de Mattos Leal, o qual faz parte do Projeto de Pesquisa do Prof. Dr. Elias Brasil, sob o título “*Epigraphia*”. Também fora apresentado no Congresso da ABIB/PUC-SP, 2008.

Dr. Elias Brasil de Souza, Ph.D Antigo Testamento, professor e reitor do SALT/IAENE. (Orientador)

and Solomon. This finding much contributed for the study of the development of writing Hebrew language. The analysis of the nature, purpose and content of the Calendar of Gezer, as well as its current text with respect to its syntax, spelling and vocabulary contributes significantly to the understanding of the biblical text.

The Calendar of Gezer offers greater clarification on the seasonal agricultural cycle of Palestine in the times of the Old Testament and a better understanding of the agricultural background of some passages from the Bible. In addition it provides evidence of the dissemination of writing during the Israeli occupation of the land of Canaan as well as their yahwistic religion. It is consistent with the evidence that emerges from Scripture itself.

#### INTRODUÇÃO

A descoberta de um novo achado arqueológico nas terras bíblicas sempre causa entusiasmo nos pesquisadores das escrituras. Com a descoberta do calendário de Gezer por Macalister em 1908 nas ruínas da Gezer bíblica não foi diferente. Talmon resume de maneira muito apropriada a importância da descoberta de um calendário para a reconstrução da história de determinada cultura agora extinta ao afirmar que “uma investigação em um específico e detalhado enigma referente a algum calendário frequentemente revelará aspectos da vida social e econômica que superam a mera natureza ‘calendária’ da questão inicial.”<sup>1</sup> Por isso esta pesquisa propõe-se descobrir as implicações do Calendário de Gezer para compreensão do texto bíblico. Em outras palavras esta pesquisa pretende organizar de forma sistemática, embora sucinta- mente, o material sobre o Calendário de Gezer reunindo tradução e análise lexicográfica e lingüística bem como discutir sua relevância para a compreensão do texto bíblico.

Para isto na primeira parte discute-se as questões básicas sobre a história da descoberta, data da composição, conteúdo e propósito do Calendário de Gezer. Na segunda então, se realiza a análise do

<sup>1</sup> TALMON, S. The Gezer Calendar and the seasonal cycle of ancient Canaan. *Journal of the American Oriental Society*. v. 83, n. 2, p. 177-187, Apr-Jun 1963. (Ed. Eletronic)

próprio texto do Calendário de Gezer propondo-se a transcrição, transliteração e tradução. Nesta mesma parte é analisado de que forma o texto da placa oferece uma contribuição lexicográfica para a Bíblia Hebraica. E por fim se verifica como o Calendário de Gezer pode ajudar na compreensão tanto do texto quanto do contexto das Escrituras Hebraicas.

O que se espera é que tais resultados venham oferecer importantes subsídios para aqueles que se aproximam das escrituras com a necessária disposição de esquadrihá-las no intuito de compreendê-las melhor, não meramente no sentido acadêmico, mas também para as lições práticas que podem ser extraídas dela para o leitor diligente de suas páginas nos dias atuais.

#### DESCRIÇÃO

O Calendário de Gezer, como geralmente é conhecido, figura no cenário arqueológico como um dos mais importantes achados do século 20. Foi descoberto por Macalister em Tell Jezer, a antiga Gezer, no início do século 20. Numa expedição entre os anos 1902 e 1908 muito debatida até hoje. Atualmente a inscrição encontra-se no Museu Arqueológico de Istambul, Turquia.

A inscrição foi feita em pedra calcária macia e contém sete linhas escritas em paleo-hebraico,<sup>2</sup> com um nome, possivelmente do próprio autor, inscrito no canto inferior esquerdo, que parece ter compreendido a extensão vertical completa da placa. A inscrição não apresenta muitos problemas de decifração, a não ser nas linhas 4 e 5 onde as letras parecem ter sido escritas com menos cuidado e onde há possíveis sinais de reutilização.

O tamanho é consideravelmente pequeno. Mede cerca de 11 centímetros de altura, 7cm de largura e uma polegada de espessura.<sup>3</sup> Tamanho suficiente para colocá-la na palma da mão de uma criança.

<sup>2</sup>RASMUSSEN, Carl. Gezer Calendar. Disponível em: < <http://holylandphotos.org>.> Acesso em: 20 abr 2008. Esta pode ser considerada a melhor foto disponível na web atualmente.

<sup>3</sup>ALBRIGHT, W.F. **The Gezer Calendar**. Bulletin of the American School of Oriental Research, n.92, p. 16-26, dez., 1943. JSTOR.

A placa foi descoberta por R.A.S.Macalister. Sua expedição em Gezer começou no ano de 1902 e estendeu-se por sete anos, interrompidos apenas pelas fortes chuvas de inverno e por uma erupção de cólera.<sup>4</sup>

Os resultados destes anos de escavações foram publicados em uma obra extensa com três largos volumes.<sup>5</sup> Porém seus resultados precisaram ser revistos nos anos subseqüentes, já que sua expedição pode ser considerada pelos padrões modernos como um desastre arqueológico.<sup>6</sup> Contudo, é inegável que a expedição de Macalister revelou muitas descobertas interessantes e úteis.<sup>7</sup>

A cidade de Gezer, atual Tell Jezer, é localizada a 30 quilômetros noroeste de Jerusalém. Sua privilegiada posição geográfica, tanto por estar na linha intermediária de colinas que separa a região montanhosa da Judéia da planície filistéia como por guardar a via Maris, um importante rota da região,<sup>8</sup> sempre foi motivo de interesse entre os

<sup>4</sup> FISHER, Milton C. **Who's Who in Archaeology? Robert Alexander Stewart Macalister (1870-1950)**. Associates for Biblical Research: Bible and Spade, v.5, n.2, 2004.

<sup>5</sup> A obra foi publicada em Londres em 1912 - MACALISTER, R.A.S. **The excavation of Gezer: 1902-1905 and 1907-1909**. London: Committee of the Palestine Exploration Fund, 1911-1912, 3 v.

<sup>6</sup> MERLING, David; YOUNKER, Randall W. **Gezer and the Bible**. Associates for Biblical Research: Bible and Spade, v.7. p. 88, 2004. (electronic ed.)

Entre as principais causas que são apontadas para o fracasso na análise do material e verificação das camadas do tell em Gezer estão: (1) a quantidade de trabalhadores envolvidos na expedição. Eram ao todo 200 trabalhadores, na sua maioria estudantes. Um arqueólogo apenas não poderia supervisionar, pesquisar e registrar tamanho empreendimento; e (2) não separou a cerâmica encontrada pelas camadas do tell, mas em vez disso as separou por tipo, impossibilitando assim uma cronologia mais precisa.

<sup>7</sup> Além do famoso “Calendário de Gezer” ele descobriu parte de um muro exterior, que mais tarde foi estudado detalhadamente por outros arqueólogos como William Dever, um poço comparado a magnitude dos encontrados em Gibeão, Hasor e Megido (Idem). E ainda uns poucos tabletes cuneiformes assírios, dois corretamente datados do séc. 7 a.C e outro do séc. 14 a.C. FISHER, 2004, p.59.

<sup>8</sup> Para mais informações sobre a localização de Gezer ver artigo de William G. Dever em: FREEDMAN, David Noel. **The Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992 p. 998-1003 e de RAINEY A.F. em BROMLEY, Geoffrey W. **The International Standard Bible Encyclopedia**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1979. v. 2. p. 468-460.

povos que dominaram o território cananita. Além disso, Gezer impressiona por seu tamanho incomum de 11 hectares, duas vezes maior que Megido.<sup>9</sup>

A sua importância também se deve a sua estreita ligação com a história bíblica. Esta ligação perpassa o período da conquista até a monarquia dividida.<sup>10</sup> Por isso uma compreensão adequada a respeito de Gezer ajudará no entendimento do contexto da narrativa bíblica deste período, bem como auxiliará para um esclarecimento mais acurado da data e propósito da confecção da inscrição pesquisada no presente estudo.

A história de Gezer a partir do estudo arqueológico, das fontes escritas extra-bíblicas e da própria narrativa do texto bíblico pode ser reconstruída de maneira satisfatória.

O estudo das ruínas de Gezer tem sido extenso e altamente bem sucedido ao longo dos anos através de diversas expedições realizadas ali.<sup>11</sup> Nos registros escritos, Gezer aparece pela primeira vez nas

<sup>9</sup> NICHOL, Francis D. **The Seventh-day Adventist Bible Dictionary: The Seventh-day Adventist Bible Commentary**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2002. p. 415, (electronic ed.).

<sup>10</sup> A referência a cidade de Gezer aparece na narrativa bíblica 14 vezes (Js 10:33; 16:3,10; 21:21; Jz 1:29; 2Sm 5:25; 1Re 9:15-17; 1Cr 6:67; 7:28; 14:16; 20:4).

<sup>11</sup> A história das principais expedições a Gezer pode ser resumida na seguinte cronologia:

1902-1909: Macalister, período já discutido resumidamente acima.

1934: novas escavações sob a liderança de A. Rowe - pouco material do período bíblico descoberto.

1964: novas séries de escavações por G.E. Wright - reorganização da importância histórica de Gezer.

1966-1977: trabalho conjunto com W.G. Dever - G.E. Wright continua como conselheiro.

1972-1973: escavações dirigidas por J.D. Seger tendo como associado H.D. Lance - período mais importante durante as décadas de 1960 e 1970.

1973: o projeto é completado.

1984 e 1990: duas estações para solução de longas questões arqueológicas sob a direção de W.G. Dever (Atualmente professor de arqueologia do Universidade do Arizona) e Randall W. Younker (diretor no Instituto de Arqueologia da Universidade Andrews).

MERLING; YOUNKER, 2004. p.88.

listas topográficas de Tutmose III, onde ela aparece como nº 104.<sup>12</sup>

Quando os dados arqueológicos, registros escritos e a narrativa bíblica das ocupações de Gezer<sup>13</sup> são comparados, as informações contidas em ambos se relacionam de forma harmônica.<sup>14</sup>

As sucessivas destruições e reconstruções<sup>15</sup> demonstram a importância estratégica desta cidade, que desempenhou um papel importante na região, principalmente no período que compreende os anos precedentes à conquista Israelita de Canaã até sua captura por Tiglate Pileser III, pouco antes da derrocata de Samaria, capital do Reino do Norte no período da Monarquia Dividida. A cronologia das diversas ocupações de Gezer como apresentada abaixo facilitará a identificação da data da composição bem como de seu propósito e autoria.

<sup>12</sup> De acordo com RAINEY A.F isto poderia ser uma indicação que ela foi conquistada por este Faraó na sua primeira campanha contra Canaã durante a Idade de Bronze. BROMILEY, Geoffrey W, 1979. p. 458-460.

<sup>13</sup> Foram encontrados no portão salomônico três camadas de destruição: a primeira ocasionada por um Faraó não nomeado na Bíblia que deu Gezer como presente de casamento a sua filha, esposa de Salomão (1Re 9:16); a segunda pelo Faraó Sisaque c.925-918 a.C (1Re 14:25-26; 2Cr 12:7-9); a última por Tiglate Pileser, rei da Assíria, c.734 - MERLING; YOUNKER, op.cit., p.88.

Para saber mais sobre a arquitetura solomônica deste período ver: MAZAR, Amihai. **Archaeology and the Land of the Bible 10.000-586 B.C. E.** . New York: Doubleday, 1998 p. 368-402.

<sup>14</sup> Além da harmonia cronológica com a narrativa bíblica das diferentes ocupações de Gezer durante o período que vai da Conquista até a ocupação assíria, as expedições revelaram descobertas que corroboram para dois fatos adicionais. (1) A existência de um espaço aberto com objetivos cúlticos, chamado de “Lugar Alto” na Bíblia, datando desde c.1800 a.C, demonstra um costume cananita adotado posteriormente pelos israelitas no culto aos deuses (1Re 13:33; 17:32; Jr 3:21; Ez 16:16); e (2) os vestígios de um possível terremoto mencionado na Bíblia (Am 1:1) - MERLING, David; YOUNKER, Randall W, op.cit., p.88.

<sup>15</sup> Uma reconstrução da história de Gezer pode ser feita a partir da informação contida nas seguintes obras:

FREEDMAN, 1992. pp. 998-1003.

BROMILEY, Geoffrey W. **The International Standard Bible Encyclopedia**. v.2. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1979. p.468-460.

WIGODER, Geoffrey.ed. **Encyclopaedia Judaica**. Judaica Multimedia: Jerusalem. (electronic ed.) Verbete Gezer de Michael Avi-Yonah.

NICHOL, Francis D. **The Seventh-day Adventist Bible Dictionary: The Seventh-day Adventist Bible Commentary**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2002. v. 8. p. 415, (electronic ed.).

PERÍODO	OCUPAÇÃO-EVENTO	CRONOLOGIA BÍBLICA
3400-3300 a.C	Primeiro sinal de habitação	Pré-patriarcal
3200-2700 a.C	ocupação de um povo não semítico (obscuridade)	Pré-patriarcal
2700-2350 a.C	ocupação semítica- primeiro muro construído ao redor da cidade	Pré-patriarcal
2350-1550 a.C	pico de prosperidade da ocupação cananita - forte evidência de cultura, forte ligação com o Egito e melhoramento arquitetônico	Babel? - Hicsos e hebreus no Egito
c.1469 a.C	Destruição pelo Faraó Tutemose III - seguida por um período breve de parcial desertificação	Pouco antes do Êxodo hebreu
c.1400 a.C	Josué derrota Horã, rei de Gezer (Js10:33); designada para as tribos de Efraim-Manassés (Js16:3); os israelitas não expulsam os cananeus da cidade (Js16:10); designada para os coatitas (Js21:21)	Conquista, início do período do juízes
1200-1000 a.C	Ocupação conjunta de efraimitas e cananeus; Gezer como cidade de refúgio (I Cr 6:63)	Período dos Juízes
c.1000	Ocupação filistéia - no reinado de Davi os filisteus já ocupavam a cidade (I Cr 14:16; 20:4)	Monarquia Unida

A própria narrativa bíblica (Js 10: 33;16:3,10: 21:21;Jz 1:29; 2Sm 5:25; 1Re 9:15-17; 1Cr 6:67;7:28;14:16;20:4).

SILVA,Rodrigo. **Escavando a verdade: a arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007

c. 1000-950 a.C	Auge da ocupação israelita: Faraó Siamun(?) ocupa Gezer e lhe dá como presente de casamento; Salomão reconstrói Gezer e emprega seus moradores como trabalhadores forçados (I Re 9:15-17)	Monarquia Unida
950-918 a.C	Domínio Israelita; possível período da escrita do Calendário de Gezer.	Auge da Monarquia Unida
c.918	Sisague, rei do Egito destrói Gezer	Início da Monarquia Dividida
734-724 a.C	Tiglate Pileser III captura Gezer - mistura de povos	Monarquia Dividida - a campanha chega em Samaria em 722 a.C
539-332 a.C	Cidade usada como importante fortaleza	Período Persa
332-167 a.C	Principal base de resistência grega	Período Grego
c.142 a.C	Conquistada por Simão - sua importância começa a decair	Era dos Macabeus
325-1100 AD	Eusébio a menciona como um pequeno vilarejo	Período Romano
1177-1191 AD	Usada como quartel general	Período das Cruzadas
1900-1990	Expedições revelam os segredos de Gezer	Era Moderna
Atualmente	Gezer é um kibutz no Israel central; na década de 1990 a média da população era de aproximadamente 280 pessoas.	

## DATA DA COMPOSIÇÃO

A maioria dos arqueólogos e autores<sup>16</sup> estão de acordo quanto ao período no qual a inscrição de Gezer foi confeccionada,<sup>17</sup> embora sua data precisa não possa ser determinada.

Em primeiro lugar, assumindo que a escrita na placa é de fato hebraica e o nome “<sup>3</sup>by” no canto inferior esquerdo, que provavelmente deve ser o autógrafa do autor, realmente seja um nome javista, e por consequência israelita,<sup>18</sup> provavelmente a data da composição deve ter sido no auge do domínio israelita em Gezer. Visto que o domínio israelita na região, tanto político quanto cultural, alcançou seu apogeu entre 950 e 918 a.C, este pode ter sido o período da composição.

Em segundo lugar, Albright adiciona três argumentos que corroboram com este pensamento. (1) O nome israelita “<sup>3</sup>by” era comum no séc.10 a.C.; (2) o muro cananita descoberto por Macalister que foi restaurado e fortalecido na Idade de Ferro com características típicas das construções salomônicas do séc.10 a.C em Megido e Samaria; e (3) o que parece mais conclusivo, é que a comparação da escrita do calendário de Gezer com as inscrições contemporâneas dos séculos 11, 10 e 9 séculos a.C aponta também para a segunda metade do séc.10 a.C.

Também é interessante notar que é na segunda metade do séc.10 que ocorrem os “anos de ouro” da nação israelita sob o reinado

<sup>16</sup> GOWER, Ralph; SIQUEIRA, Neide. **Usos e costumes dos tempos bíblicos**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2002.

MILLARD, Alan. **Descobertas dos tempos bíblicos**: tesouros arqueológicos irradiam luz sobre a bíblia. São Paulo: Vida, 1999.

PRITCHARD, James B et al. **Ancient Near Eastern Texts**: relating to the Old Testament. 3. ed., with supplement. Princeton: Princeton University Press, 1969.

HALLO, William ed.; YOUNGER, K. Lawson. **The Context of Scripture**: Monumental inscriptions from the biblical world. Bostom: BRILL, 2002.

<sup>17</sup> Nem sempre houve consenso a respeito da data da composição. Logo após a descoberta “Vicente, Pilcher e outros seguiam a cronologia de Macalister que a colocava no séc. 6 a.C.” Albright, porém, nos anos decorrentes salientou que esta cronologia demonstrou-se inteiramente errada. As razões para isto são discutidas por Albright em seu artigo. ALBRIGHT, 1943, p. 16-26.

<sup>18</sup> Ambos os aspectos da linguagem do calendário e origem do nome inscrito na placa serão discutidos de forma mais detalhada posteriormente.

de Salomão. Este foi um período de grande expansão tanto territorial quanto cultural.<sup>19</sup>

Desta forma as evidências apontam para a seguinte conclusão: o Calendário de Gezer foi escrito por um israelita no auge do domínio israelita durante o próspero reinado salomônico, que vai desde a entrega da cidade como um presente de casamento a filha do faraó até a morte de Salomão, quando em seguida Gezer foi capturada por Sisaque, em algum momento entre 950-918 a.C. Depois deste período Gezer nunca mais voltou a estar nas mãos de Israel.

Tendo em vista esta data, a importância do Calendário encontrado em Gezer fica evidente como o testemunho do hebraico bíblico decifrável mais antigo. Por isso seu estudo torna-se muito útil na compreensão do desenvolvimento lingüístico, tanto ortográfico, lexicógrafo quanto sintático do hebraico bíblico. As implicações disto serão discutidas em capítulos posteriores.

#### PROPÓSITO

Diferentemente do consenso que atualmente impera quanto à data da composição do Calendário de Gezer, isto não acontece com respeito ao propósito da produção do mesmo. Muitas posições divergentes têm sido propostas, algumas destas serão expostas aqui.

(1) Segundo Talmon a inscrição de Gezer servia como um programa de controle de “coleta de taxas dos agricultores para a administração real”<sup>20</sup> Desta forma o autor seria um coletor de impostos que trabalhava para Salomão.<sup>21</sup> Adicionalmente Talmon explica: Gezer tinha sido estabelecida para os levitas que na época de Salomão

<sup>19</sup> Para saber mais sobre este período ver:

JONES, G.H; CLEMENTS, Ronald E; BLACK, Matthew. **The New Century Bible Commentary: I and 2 Kings.v.1.** Morgan: WM. B. Eerdmans Publ., 1994.

J. A Emerton et al. **The International Critical Commentary on the Book of Kings.** Edinburgh: T & T Clark, 1998.

MURRAY-GEORGE R. BEASLEY et al. **Word Biblical Commentary.** Texas: Word Books, 1987. v.12.

<sup>20</sup> TALMON, 1963, p. 177-187.

<sup>21</sup> Talmon concorda que de fato a placa foi escrita durante o domínio salomônico de Gezer. O que é usado por ele como argumento para defender sua posição. TALMON, 1963, p. 177-187.

serviram o rei numa capacidade administrativa. Assim estes usavam a inscrição como seqüência cronológica das principais estações para organizar a cobrança de impostos dos agricultores da região, que por aquele tempo já era um centro provincial.<sup>22</sup>

Existem pelo menos dois problemas na conclusão de Talmon. O primeiro é a falta de evidência textual para atividade administrativa dos levitas como cobradores de impostos. Não existe apoio do texto bíblico através de exemplos deste tipo de atividades praticadas pelos levitas da família de Coate situados em Gezer ou mesmo em outro lugar. Embora este possa ser considerado um argumento baseado no silêncio deve ser levado em conta. Porém, Young apresenta o segundo problema desta teoria. Segundo ele “nossos (admitidamente muito mais tardios) exemplos de hebraico administrativo (e.g. Lachish e Ostraca) mostram um esforço pela clareza de expressão.”<sup>23</sup> O que notoriamente não acontece na rústica linguagem do Calendário de Gezer.

(2) Por outro lado, Wirgin sugere que o Calendário de Gezer seja um tablete de bênção ou uma oração por fertilidade. As indicações que levam esta consideração são a quantidade de linhas (sete) e o fato de o Calendário ter sido encontrado próximo a celeiros. Assim o autor de Gezer possivelmente teria sido um sacerdote.<sup>24</sup> Esta foi a mesma posição adotada por Young, embora com uma diferença bem sutil, ao afirmar que “o propósito do tablete possa ter sido cúltico ou mágico”.<sup>25</sup>

Porém, esta posição carece de exemplos similares. Os achados arqueológicos têm revelado muitos exemplos de inscrições cúlticas, porém substancialmente diferentes do Calendário de Gezer.<sup>26</sup> É verdade

<sup>22</sup> TALMON, op.cit., p. 177-187.

<sup>23</sup> YOUNG, Ian. The style of the Gezer Calendar and some “archaic biblical hebrew” passages. *Vetus Testamentum*, Sidney v. 42, n.3, 1992 p.361-375 (Atlas Serials)

<sup>24</sup> YOUNG, 1992, p.361-375.

<sup>25</sup> YOUNG, 1992, p.361-375.

<sup>26</sup> Para uma consulta sobre o gênero literário “Hinos, orações e encantamentos” no antigo oriente próximo ver: WALTON, John H. *Ancient Israelite Literature in its Cultural Context: A survey of parallels between biblical and ancient near eastern texts*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1989. p. 135-168.

que Sasson tem argumentado que a inscrição da Cidadela de Amã <sup>27</sup> “contém similaridade com a inscrição de Gezer neste particular,”<sup>28</sup> mas quando comparadas ambas inscrições esta hipótese se mostra mais num esforço imaginativo do autor do que semelhanças ou *links* genuínos.

(3) Por fim, Albright tem apresentado evidências mais conclusivas sobre o ponto de vista defendido por ele, a saber, que o Calendário de Gezer teria sido usado como um exercício escolar. Albright se vale dos seguintes argumentos: (1) existem paralelos egípcios e mesopotâmicos; (2) o material e o tamanho são suficientes para ser segurado confortavelmente por um garoto de 12 anos de idade; (3) a superfície carrega marcas sobre ambos os lados de repetida raspagem com o objetivo de limpá-la para uso renovado; (4) e ainda, a mão do escriba é extremamente desajeitada, como mostrado pelo seu tratamento das curvas (qof, vav, ayin) e dos caracteres complexos como o het.<sup>29</sup>

Desta forma, o autor teria sido um israelita residente em Gezer, tendo em vista que a linguagem é um bom hebraico bíblico e seu nome é javista, como afirma Albright. A inscrição, então, poderia ter sido escrita por um escriba em treinamento, quer como exercício de escrita

<sup>27</sup> A inscrição de Amman Citadel foi descoberta por volta de 1966 em Jebel Qal' ah, antiga Bete Raba. A data da composição remonta o final do séc. 9. Período contemporâneo a ao Calendário de Gezer. Possui oito linhas de escrita em basalto preto acizentado. Atualmente encontra-se no Museu arqueológico de Amman na Jordânia. A seguir propõe-se a seguinte tradução:

1. [. . .] Mi]lkom, ele construiu para vocês as entradas limite [. . .]
2. [. . .]todo aquele que vos ameaçar certamente morrerá [. . .]
3. [. . .] Eu certamente destruirei, e todo que entrar [. . .]
4. [. . .] e no meio de todas estas colunas apenas o justo viverá [. . .]
5. [. . .] haverá uma inclinação desde as suas portas, um ornamento[. . .]
6. [. . .] será oferecido dentro de seu pórtico
7. [. . .] ?? [. . .]
8. [. . .] paz para vocês e pa[z . . .]

**THE Amman Citadel Inscription.** Disponível em: <<http://www.kchanson.com/ANCDOCS/westsem/citadel.html>> Acesso em 27 maio 2008.

<sup>28</sup> YOUNG, op.cit., p.361-375.

<sup>29</sup> ALBRIGHT, op.cit., pp. 16-26.

ou como método de memorização<sup>30</sup> para ensinar crianças as estações do ano ou mesmo os dois.<sup>31</sup>

Esta posição parece adequar-se, embora do ponto de vista desta pesquisa não de maneira dogmática, melhor as evidências cronológicas da expansão cultural durante o reinado de Salomão na segunda metade do séc. 10 e as evidências da própria análise da inscrição obtidas por Albright e analisadas neste estudo.

#### LINGUAGEM

Há um amplo debate atualmente no mundo acadêmico sobre a linguagem do calendário de Gezer. Em geral, os estudiosos têm se dividido em três grupos diferentes. O primeiro, afirma que a linguagem de Gezer é puramente fenícia. O segundo afirma que o texto está escrito em perfeito hebraico clássico. Por fim o terceiro posiciona-se entre os dois anteriores, afirmando que é impossível determinar a linguagem com precisão, tendo em vista a data da escrita. Não obstante, esta pesquisa não possui objetivos puramente epigráficos ou paleográficos,<sup>32</sup> sendo assim este tópico será discutido de forma resumida.

Entre aqueles que consideram que a linguagem do texto é fenícia

<sup>30</sup> Albright considera também a placa como um mnemônico. ALBRIGHT, op.cit. pp. 16-26.

<sup>31</sup> Neste particular pode-se acrescentar ainda uma visão no mínimo plausível e moderada que afirma “assim, sem considerar se o texto que foi copiado pelo estudante era um documento administrativo, um curto almanaque, ou particularmente se era um encantamento, ele foi usado neste caso como parte de um exercício de treinamento.” SMITH, Duane. **On the Gezer Calendar**. Disponível em: <<http://www.telecomtally.com/blog/2006/10>> Acesso em: 25 abr 2008.

<sup>32</sup> “Por um lado do ponto de vista dos materiais de escrita, epigrafia denota o estudo das inscrições gravadas sobre superfícies duras enquanto que a paleografia lida com manuscritos escritos a tinta. Por outro lado do ponto de vista do campo de interesse epigrafia é o estudo das fontes escritas que a arqueologia tem revelado, enquanto que paleografia é o estudo das escritas antigas que traça o desenvolvimento das formas de letra de maneira que os documentos tanto inscrições como manuscritos) podem ser lidos corretamente, e se necessário datados. De qualquer forma ambos os termos incluem um campo de estudo, um auxílio a história que especializa-se em cada aspecto dos documentos antigos escritos.” NAVEH, Joseph. **Early History of the Alphabet**. Magnes Press: Jerusalém, 1997. p. 5-6.

está Joseph Naveh. A escrita fenícia <sup>33</sup> tomou forma por volta de 1050 a.C e nos séc. 10 e 9 a.C já desfrutava de certo prestígio internacional. Entre as razões que Naveh apresenta para sua conclusão pode-se destacar três: (1) em primeiro lugar, a escrita fenícia não possui *matres lectiones*,<sup>34</sup> sendo assim uma escrita totalmente defectiva, como parece ser o caso da inscrição de Gezer; (2) em segundo lugar, a escrita fenícia não possuía espaços entre as palavras, diferentemente do hebraico que se valia de pontos e do aramaico de espaços para separar as palavras, o que não ocorre no calendário de Gezer no texto de Gezer;<sup>35</sup> (3) e por fim, Naveh afirma que a inscrição de Gezer lembra a escrita fenícia do séc. 10, proveniente de Biblos.<sup>36</sup>

Por outro lado, Albright é categórico ao afirmar que “o Calendário de Gezer está escrito em perfeito hebraico clássico.”<sup>37</sup> Albright apresenta argumentos de ordem histórica mais do que ortográfica. Entre eles está a época da escrita alcançando o auge do período de dominação israelita em Gezer, que neste período já era uma colônia de Israel durante a era salomônica. Além disso, a inscrição sustenta a assinatura <sup>c</sup>by que segundo Albright já era um nome teofórico israelita muito comum no séc. 10.<sup>38</sup>

<sup>33</sup> Por volta de 1700 a.C. a primeira escrita alfabética conhecida como proto-cananita e a proto-sinaítica encontrada nas minas de turquesas no Sinai proveniente de algum conhecimento da escrita egípcia já eram usadas. No meio do século 11 a.C. a escrita fenícia, um descendente direto do proto-cananita, começou a tomar forma quanto um alfabeto linear de vinte duas letras horizontalmente escritas da direita para a esquerda tornava-se inteiramente estabilizada. NAVEH, 1997, p. 54.

<sup>34</sup> “Algumas letras consoantes indicam, ainda que imperfeitamente, certas vogais. Elas são ך, ם, ן, e ocasionalmente א. Elas são chamadas *matres lectionis* (sg. *mater lectionis*), que é a tradução latina de **אִמּוֹת הַקְּרִיָּאָה**.” Elas indicam o timbre ou a quantidade de vogais e significam “mães da leitura.”

JOUON, Paul; MURAOKA, T. **A grammar of Biblical Hebrew**. Roma: Ed. Pontificio Instituto Biblico, 1993. 2 v. p. 46.

<sup>35</sup> Nas linhas 1, 2 e 3 o autor da placa utiliza-se de traços verticais para separar três sentenças. Isto não acontece nas linhas subseqüentes. Ou o autor foi de fato incontinente no uso da pontuação ou o tempo e uso apagaram os traços das linhas seguintes.

<sup>36</sup> NAVEH, op.cit., p. 56-65.

<sup>37</sup> ALBRIGHT, op.cit., p. 16-26.

<sup>38</sup> Ibid., p. 16-26.

E por fim, no segundo grupo estão aqueles que como Duane Smith concluem “eu penso que a coisa mais conservativa a fazer é permanecer agnósticos quanto a linguagem (...) do texto.”<sup>39</sup> Da mesma forma Smelik adota a posição da indeterminação ao afirmar incisivamente que quanto ao Calendário de Gezer é “impossível, sobre a base da escrita determinar, se estamos lidando com um inscrição israelita ou não.”<sup>40</sup>

Porém, do ponto de vista desta pesquisa, cada posição acima apresentada pode ser harmonizada em uma conclusão que parece ser mais plausível tendo em vista os dados atualmente disponíveis. De fato a data e o lugar acompanhados do nome <sup>ʿ</sup>by levam a conclusão mais natural que o autor da inscrição era um israelita. Porém concorda-se com Naveh quando afirma que a inscrição não tem quaisquer aspectos gramaticais ou lexicais que impeçam a possibilidade de sua escrita ser fenícia.<sup>41</sup> Então como ele mesmo admite pode-se conjecturar que um israelita do século 10 poderia escrever fazendo uso da ortografia fenícia. E de fato, a princípio a escrita hebraica não diferia da fenícia em sua ortografia.<sup>42</sup> Mas como Smith também admite “as primeiras inovações rudimentares que marcaram o surgimento da escrita hebraica podem ser percebidas no Calendário de Gezer, embora ainda tímidas.”<sup>43</sup>

Além disso, duas inscrições fenícias<sup>44</sup> oferecem evidência adicional, embora não concludente, para o fato que neste período uma transição já estava ocorrendo. Elas são as inscrições de *Šibiṭba<sup>ʿ</sup>al* e *ʿAbdō*. Sua importância deve-se principalmente ao fato que ambas são contemporâneas ao Calendário de Gezer. Na comparação das inscrições é possível perceber diferenças sensíveis entre algumas letras contidas nelas(ver a seguir):

<sup>39</sup> SMITH, 2008.

<sup>40</sup> SMELIK, Klaas. **Writings from Ancient Israel**. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1991. p.18.

<sup>41</sup> NAVEH, op.cit., p. 76.

<sup>42</sup> NAVEH, 1997, p.76.

<sup>43</sup> SMITH, 2008.

<sup>44</sup> CUNCHILLOS, Jesús Luis; ZAMORA, José Angel. **Gramática Fenicia Elemental**. 2.ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2000. p. 115-117.

	Gezer	<i>Šibiṭba<sup>c</sup>al</i>	<sup>c</sup> <i>Abdō</i>
𐤁			
𐤂			
𐤃			

O bet destas inscrições fenícias possui um traço final distintivo em sentido contrário ao do Calendário de Gezer e das inscrições israelitas que o seguiram. O qof ocorre três vezes na inscrição de Gezer seguindo um mesmo padrão comum traço vertical cortando a parte superior, enquanto que em *Šibiṭba<sup>c</sup>al* o traço não corta a parte superior. No caso do aleph um traço vertical mais fino com a grafia mais centralizada é característico nas inscrições fenícias.

Desta forma pode-se concluir que o Calendário de Gezer encontra-se num período de transição,<sup>45</sup> marcando o início do aparecimento das variações locais que deram origem a escrita hebraica diferenciando-a da fenícia. Estas variações tornam-se mais evidentes no séc 9 como parece indicar a evidência arqueológica e epigráfica.<sup>46</sup>

#### ANÁLISE LITERÁRIA

Como já demonstrado anteriormente, o Calendário de Gezer com grande probabilidade, era um exercício escribal.<sup>47</sup> Porém isto esclarece mais a sua função do que sua intenção literária. Assim parece necessário, ainda que brevemente, esboçar tal esclarecimento.

Albright com sua percepção extremamente aguçada encontrou

<sup>45</sup> Para saber mais sobre a história do surgimento e desenvolvimento do alfabeto ler: AZEVEDO, Joaquim. The Origin of the Proto-canaanite Alphabet. *Hermenêutica*, v.1, p.3-29, 2001.

<sup>46</sup> SMELIK, 1991 p.18 Para mais informações sobre a evidência epigráfica no Antigo Israel ver: FREEDMAN, David Noel. *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1996. (electronic ed.) p. 340.

<sup>47</sup> Para uma análise da capacidade de ler e escrever em Israel ver: SCALIN, Harold P. The Emergence Of The Writing Prophets In Israel In The Mid-Eighth Century. *The Evangelical Theological Society*. v. 21, p. 303, 2002.

uma cantilação poética composta por um tricolon 2+2+2, um tricolon 3+3+3 e duplocolon 2+2.<sup>48</sup> Segundo ele, esta estrutura tinha objetivo puramente mnemônico, ou seja, de facilitar a memorização.

Porém vale ressaltar que sendo um exercício escribal este objetivo era no mínimo secundário, visto que o maior objetivo seria o treinamento da escrita, que na ocasião ainda era uma habilidade que começava a se expandir.<sup>49</sup>

Naveh destaca com muita propriedade, que o Calendário de Gezer seria um tipo de lousa usada por pessoas que estavam aprendendo a escrever, o que a análise da placa parece confirmar, como já visto anteriormente. Ele ainda acrescenta:

Na Mesopotâmia havia grande preferência por listas de palavras e nomes arranjados topicamente. Desta maneira alguém aprendia não apenas como escrever também nomes de árvores, animais, cidades, países, pedras e minerais.<sup>50</sup>

Assim, é neste mesmo caráter literário de um *abecedário sofisticado* que o calendário de Gezer parece melhor se enquadrar. Desta forma Naveh conclui apropriadamente que “o escritor do calendário de Gezer provavelmente não era um agricultor mas, um escriba.”<sup>51</sup> Ou seja, possivelmente o principal objetivo da inscrição não tenha sido ensinar o ciclo agrícola da região mas, a habilidade de escrever, embora a última não elimine a primeira.

#### TRANSCRIÇÃO, TRANSLITERAÇÃO E TRADUÇÃO

Tendo em vista a discussão até aqui direcionada com respeito aos diversos aspectos do texto do Calendário de Gezer, cabe agora partir para a tarefa que conduzirá o restante deste estudo. Em primeiro lugar, apresentar-se-á o desenho do calendário como está escrito em

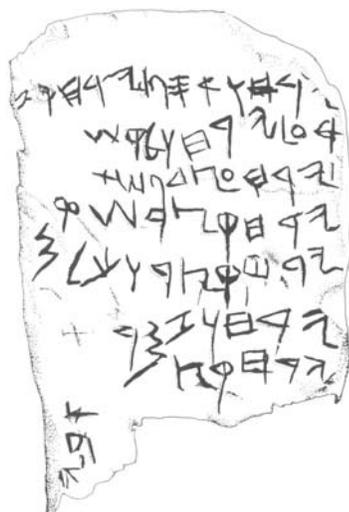
<sup>48</sup> “Primeiro nós temos três meses duplos, então três meses singulares, um mês duplo e um sozinho.” ALBRIGHT, op.cit., p. 24.

<sup>49</sup> SCALIN, 2002, p.303.

<sup>50</sup> SMELIK, op.cit., p.26.

<sup>51</sup> Ibid., p.27.

caracteres paleo hebraicos.<sup>52</sup> Logo após propor-se-á a transcrição, utilizando-se a escrita quadrada<sup>53</sup> bem como a vocalização mais adequada do ponto de vista desta pesquisa, valendo-se do padrão massorético utilizado nas versões modernas da Bíblia Hebraica. Então, o último passo será traduzir o texto. Vale ressaltar que a análise das palavras será realizada na próxima seção da pesquisa.



1 ירחו אסף ירחו ז  
 2 רע ירחו לקש  
 3 ירח עצד פשת  
 4 ירח קצר שערם  
 5 ירח קצד וכל  
 6 ירחו זמר  
 7 ירח קץ אבי

Como se nota a única palavra que se transpõe para outra linha é a palavra ירע que começa na linha 1 e termina na 2. Com vista a facilitar a visualização, deslocar-se-á as duas primeiras letras da linha 2 para a linha 1, por isso a linha 2 terminará com a palavra ירע visto que a última oração da linha 1 termina com ירע.

<sup>52</sup> A maior parte das inscrições em Paleo-Hebraico descobertas nas cavernas do Deserto Judaico é encontrada sobre a pedra, ostracas, e mais extensivamente sobre moedas dos governadores hasmoneanos (c. 100-37 a.C), a primeira guerra judaica contra Roma (66-70 AD), e na segunda guerra judaica contra Roma (132-135 AD). FREEDMAN, David Noel. **The Anchor Bible Dictionary**. electronic ed. New York: Doubleday, 1996. p. 97.

<sup>53</sup> A impressão das letras na Bíblia Hebraica Stuttgartensia é feita em escrita quadrada, que foi substituída pela escrita cursiva ou hebraica (que neste trabalho é chamada paleo hebraica - caracteres de Gezer, selos, Inscrição de Siloé e etc.) após o cativo babilônico por influência dos arameus. Assim a escrita hebraica (paleo hebraica) foi substituída pela quadrada, proveniente do aramaico.

O vocábulo אבִי, abaixo da linha 7, é a transcrição da palavra escrita horizontalmente no canto esquerdo da placa, que possivelmente deve ser a assinatura do autor da inscrição. O costume de adicionar a assinatura do autor no final de um documento é também averiguado na literatura de Ugarite. No Mito de *Ba'lu*, nos tabletes 4 e 6 aparece um colofão identificando o escriba como *'Ilimilku*, um elevado oficial sacerdotal na corte de um dos reis nomeados Niqmaddu; e como a escrita dos seis textos parece ser idêntica, é altamente provável que *'Ilimilku* seja o autor de todos os seis tabletes.<sup>54</sup> O mesmo ocorre no Épico de Kirta<sup>55</sup> e na Lenda de *'Aqhatu*.<sup>56</sup>

A seguir será exposta a transliteração e ao lado será proposta a possível vocalização da inscrição.

1 yrḥw ḥsp yrḥw z	1 ירחו אסף ירחו ז
2 r' yrḥw lqš	2 רע ירחו לקש
3 yrḥ ḥsd pšt	3 ירח עצד פשת
4 yrḥ qsr ḥ'm	4 ירח קצר שערם
5 yrḥ qsr wkl	5 ירח קצר וכל
6 yrḥw ymr	6 ירחו זמר
7 yrḥ qš	7 ירח קץ אבִי

Assim, levando em consideração tanto a leitura da placa em paleo hebraico quanto a transcrição, transliteração e vocalização propostas acima essa pesquisa concebe a seguinte tradução, que será considerada mais detalhadamente abaixo:

1. Seus dois meses são para colheita; seus dois meses são para semeadura;
2. Seus dois meses são para a erva tardia;
3. Um mês é para ceifa do linho;
4. Um mês é para colheita das cevadas;
5. Um mês é para colheita e armazenamento;

<sup>54</sup> Ver Mitos Ugaríticos, em especial o artigo de Dennis Pardee sobre o Mito de Ba'lu em HALLO, William; YOUNGER, K. Lawson. **The Context of Scripture: Canonical Compositions from the Biblical World**. v.1. Bostom: BRILL, 2002. p 241-274.

<sup>55</sup> Ibid., p. 343.

<sup>56</sup> Ibid., p. 348.

6. Seus dois meses são para poda da uva;  
7. Um mês é para o fruto de verão;

“Abias”

#### CONSIDERAÇÕES ORTOGRÁFICAS

Quanto a ortografia, a natureza defectiva do texto fica evidente em קָצַר (linhas 4 e 5) e זָמַר: (linha 6), que na Bíblia Hebraica são respectivamente escritos קָצִיר זָמִיר. Isto aponta para duas direções. Em primeiro lugar, a escrita defectiva atesta a influência fenícia sobre a emergente língua hebraica do séc 10. De forma complementar, em segundo lugar, pode-se confirmar a instrutiva conclusão que chegou Dahood acerca da existência de uma fase arcaica da língua hebraica sem qualquer uso de *matres lectiones*.

Segundo Dahood, a evidência do próprio Texto Massorético, e das leituras de outros manuscritos hebraicos e versões antigas, apontam inequivocamente para uma composição original em um tipo de ortografia completamente sem letras vogais; isto é, o tipo de ortografia que prevalecia nas inscrições fenícias bem antes da introdução das letras vogais (ou *matres lectiones*) no Hebraico e Aramaico.<sup>57</sup>

De acordo com G.L. Archer “a primeira evidência clara que temos para as letras vogais finais (tais como ה para a, ס para a, ו para o, י para i e e) está no séc. 8, com as vogais médias emergindo no início do séc. 6 a.C.”<sup>58</sup>

Outro traço da ortografia fenícia encontrado na inscrição de Gezer é a contração do ditongo de זָיִן; em זָיִן, que permaneceu na fonética da língua do norte de Israel.<sup>59</sup> Amós faz um jogo de palavras

<sup>57</sup> ARCHER, G.L. The linguistic evidence for the date of “Ecclesiastes”. **Journal of the Evangelical Theological Society**. The Evangelical Theological Society. v.12, p. 171, 2002.

<sup>58</sup> Ibid., p.171.

<sup>59</sup> Para saber mais sobre a linguagem israelita de Samaria (norte) e da judaica de Jerusalém (sul) conferir verbete “Hebrew” em FREEDMAN, David Noel. **The anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992. v.3.

<sup>60</sup> Amós 8: 1-2: “O Senhor Deus me fez ver isto: eis aqui um cesto de frutos de verão (זָיִן). E perguntou: Que vês, Amós? E eu respondi: Um cesto de frutos de

Por fim torna-se frutífero considerar brevemente a ortografia de יִרְחָו nas linhas 1 (duas vezes), 2 e 6. As opiniões têm divergido acerca da função do sufixo waw em יִרְחָו. A primeira teoria concebida por Ginsberg, propõe que o waw seja uma reminiscência de uma antiga terminação de caso nominativo construto. Porém esta teoria torna-se insatisfatória por duas razões, segundo Albright. Primeiramente, não existe qualquer ocorrência antiga de waw como uma letra vogal. E em segundo lugar, a sobrevivência de um antigo construto nominativo é totalmente sem paralelo na literatura no Semítico Noroeste.<sup>61</sup>

A segunda teoria, defendida principalmente por Albright, coaduna-se melhor com a evidência disponível. Ele afirma que, ao admitir-se que o waw em *yarhēw* seja consonantal, ele está marcando um dual<sup>62</sup> com um sufixo pronominal de terceira pessoa singular masculino.<sup>63</sup> Por isso lê-se nas linhas 1, 2 e 6 “seus meses.” Para uma melhor compreensão cabe aqui descrever o possível caminho percorrido até a forma יִרְחָו: יִרְחָו < [ יִרְחָו ] < יִרְחָו. O caminho compreende, então, a contração do ditongo precedendo a síncope do he intervocálico.<sup>64</sup>

O principal questionamento quanto a esta posição tem sido a estranheza da expressão resultante desta interpretação, a saber “seus dois meses.” Uma pergunta natural surge com respeito a qual seria o antecedente do sufixo pronominal, que está completamente ausente no texto de Gezer. Embora tal objeção seja justificada, ela

---

verão. Então, o SENHOR me disse: Chegou o fim (קֵץ) para o meu povo de Israel; e jamais passarei por ele.” Sobre a interpretação da passagem Robert R. Ellis comenta: “A melhor interpretação reconhece uma paranomásia envolvendo *qayiš* e *qēs*. O jogo de palavras é intensificado com a probabilidade que *qayiš* era pronunciado *qēs* no dialeto do reino do norte. Desta forma, o normalmente esperançoso símbolo do fruto de verão colhido foi transformado em um símbolo de juízo.” VANGEMEREN, Willem A et al. **New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1997. v.3. p. 919,920.

<sup>61</sup> ALBRIGHT, op.cit., p. 16-26.

<sup>62</sup> Sobre o dual na língua hebraica ver: JOUON; MURAOKA, 1993, p. 272-275.

<sup>63</sup> Para exemplos de substantivos duais com sufixo pronominal de terceira pessoa singular conferir os seguintes versos na Bíblia Hebraica Stuttgartensia: Gn 2:7; 7:22; 37:34; 48:12; Lv 16:12; Nm 22:31; 24:7; 1Sm 20:41; 2Sm 14: 33; 18:28; 20:8; 24:20; 1Rs 1:23; 18:46; 2Rs 1:18; Ne 4:12; Jó 31:20; 40:16; 41:12; Sl 11:4; Pv 30:4,13; Is 5:27; 11:5; Jr 30:6; Ez 1:27; 8:2; 9:2,3,11; Dn 10: 5.

<sup>64</sup> YOUNG, 1992, p.361-375.

não se mantém ao se levar em consideração outras construções bem semelhantes na Bíblia Hebraica, que podem ser consideradas como um idiomatismo da língua em questão. Tais exemplos podem ser encontrados em 1Re 5:7; Nm 28:14; Is 66:23.<sup>65</sup>

#### CONSIDERAÇÕES SINTÁTICAS

A simplicidade da sintaxe do texto de Gezer aponta também para duas direções. Em primeiro lugar para seu propósito como um tipo de treino escrital. Em outras palavras trata-se de um exercício de escrita, não um texto no sentido mais estrito da palavra. E em segundo lugar, para seu arcaísmo. O texto não possui artigo,<sup>66</sup> o que poderia ser esperado em construções predicativas em pelo menos um dos núcleos do predicado. Porém isto não traz estranheza, visto que se trata de um texto do décimo século a.C..

O texto é constituído basicamente de orações predicativas.<sup>67</sup> Evidentemente sabe-se que neste tipo de oração o verbo “ser” fica subentendido, por isso é suprido na tradução. Quanto ao uso da preposição “para” na tradução, vale ressaltar que seu uso tem como propósito destacar o objetivo do predicativo, ou seja, cada mês era designado para uma função agrícola específica. Mas cabe lembrar que esta preposição não se encontra no texto, embora seu sentido esteja explicitamente evidente.

Exatamente no centro do texto do ponto de vista da contagem das letras, com 21 letras antes e depois, nas linhas 3 e 4 encontra-se

<sup>65</sup> 1Re 5:7 :  $\text{הַמֶּלֶךְ־שְׁלֹמֹה אִישׁ חֲדָשׁוֹ לֹא יַעֲדֶרְנוּ דְבָר׃}$

“... cada *seu mês* não deixava faltar coisa alguma.”

Nm 28:14 :  $\text{זֹאת עֹלֹת חֹדֶשׁ בְּחֲדָשׁוֹ לְחֲדָשֵׁי הַשָּׁנָה׃}$

“... este é o holocausto de um mês *a seu mês*, para os meses do ano.”

Is 66:23 :  $\text{וְהָיָה מִדֵּי־חֹדֶשׁ בְּחֲדָשׁוֹ וּמִדֵּי שַׁבָּת בְּשַׁבְּתוֹ יִבּוֹא כָל־בָּשָׂר׃}$

“E será que de uma lua nova *a sua lua nova* (outra) e de um sábado *a seu sábado* virá toda a carne...”

<sup>66</sup> Sobre o uso do artigo ver: KELLY, Page; KRAHN, Marie Ann Wangen. **Hebraico bíblico**: uma gramática introdutória. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

<sup>67</sup> O uso predicativo é chamado também de “verbless clauses” por Waltke e O’Connor. Para uma melhor compreensão sobre esta construção na língua hebraica ver: WALTKE, Bruce K; O’CONNOR, Michael Patrick. **An Introduction to Biblical Hebrew Syntax**. Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 1990. p. 131-135.

dois construtos, a saber, עֶצֶר פֶּשֶׁת (ceifa do linho-linha 3) e קִצְר שְׁעָרִים (colheita das cevadas). Visto que ambas as palavras em construto são masculinas, que o texto não possui vogais e, ainda é defectivo, apenas o contexto pode fornecer evidência de tal construção. Adicionalmente, a centralidade tão exata dos dois únicos construtos do texto dificilmente pode ser obra do mero acaso. Uma das evidências para isto é o fato de que eles não estão no meio do ciclo agrícola de Gezer, já que 6 meses (linhas 1,2) vêm antes e 4 meses (linhas 5,6,7) depois. Assim, embora não seja possível afirmar com certeza qual era o objetivo literário do autor da placa ao construir o texto com os dois construtos bem ao centro. Duas possibilidades podem ser consideradas. (1) Tal estrutura objetivava manter um estilo padrão coletivo ou individual, o que não poderia ser considerado um quiasma visto que a relação entre a primeira e a última linha não é possível determinar e é provável que nem exista ou (2) ter tido o propósito de facilitar a memorização. Contudo é impossível determinar, com certeza, o verdadeiro objetivo de centralização dos construtos das linhas 3 e 4.

#### CONSIDERAÇÕES SOBRE O VOCABULÁRIO

O estudo das palavras utilizadas no texto de Gezer oferece importante informação para a interpretação dele e sua ligação com o texto da Bíblia Hebraica, onde se encontra o ápice desta pesquisa. A seguir será analisada cada palavra que o autor do calendário de Gezer usou para descrever o ciclo agrícola da época. Esta parte enfatizará o significado e as ocorrências das palavras na BH (Bíblia Hebraica), enquanto que o papel delas no ciclo será discutido no último capítulo desta pesquisa.

יָרַח

É a palavra que mais se repete no calendário, 8 vezes, sendo destas 4 com o waw consonantal. A mesma raiz aparece na Bíblia Hebraica 41 vezes. O vocábulo pode referir-se a “lua,” como corpo celeste e como objeto ilícito de adoração, ou ao mês lunar. Quando a raiz é usada para lua ela é marcada com *pataḥ* furtivo e *qameṣ* na primeira sílaba (יָרַח). Quando a tradução deve ser mês é vocalizada יָרַח. O sinônimo mais próximo de יָרַח é a raiz חָדַשׁ usada com muito mais frequência, todo em 283 versos, que também significa tanto lua nova quanto mês. Adicionalmente חָדַשׁ denota o tempo em que a lua

se renova e o mês se inicia, e comumente também se refere ao mês lunar na BH.<sup>68</sup>

As fases da lua proviam um simples e fácil método observável de calcular a passagem do tempo. Este conhecimento era fundamental para a contagem do calendário no mundo antigo e para a consciência geral da dimensão temporal. Assim é certo que no período do Antigo Testamento o cálculo de cada mês era feito a partir do surgimento da lua nova (Ex 23:15; 34:18). Este foi o próprio propósito designado por Deus para o astro (Gn 1:14).<sup>69</sup>

Aparte das referências a meses específicos, onde ירח é acompanhado pelos antigos nomes cananita-fenícios dos meses,<sup>70</sup> existem apenas 9 passagens no Antigo Testamento (Ex 2:2; Dt 21:13; 33:14; 2Re 15:13; Zc 11:8; Jó 3:6; 7:3; 29:2; 39:2) que usam ירח para descrever a duração do ciclo lunar como um período de tempo,<sup>71</sup> como acontece em Gezer. Destas ocorrências 4 aparecem em Jó, o que pode ser significativo tendo em vista as evidências que mostram que Jó é o livro mais antigo da Bíblia, e por isso o mais próximo cronologicamente do Calendário.<sup>72</sup>

## אסף

A raiz אסף é amplamente utilizada na Bíblia, com suas ocorrências alcançando o número de 233 e possuindo 74 formas diferentes. A idéia básica do verbo é reunir, juntar, colher e recolher.<sup>73</sup> Daí a

<sup>68</sup> BOTTERWECK, G. Johnes (Editor.); RINGGREN, Helmer; WILLIS, John. T. **Theological Dictionary of the Old Testament**. Grand Rapids-Michigan: William B. Eerdmann Publishing Company, 1997. v.6. p. 355-362.

<sup>69</sup> BOTTERWECK, 1997. p. 355-362.

<sup>70</sup> 1Re 6:37- Ziv

1Re 6:38- Bul

1Re 8:2- Etanim

Ibid., p. 355-362.

<sup>71</sup> Ibid., p. 355-362.

<sup>72</sup> Para a data e composição de Jó ver: NICHOL, Francis D. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**.v.3.Washington: Review and Herald Publishing Association, 1980. p. 493-496.

<sup>73</sup> KIRST, Nelson. **Dicionário hebraico-português & aramaico-português**. São Leopoldo, RS; Petrópolis, RJ: Sinodal; Vozes, 2004.

nuança do significado da raiz **קָטַף** no Calendário. A vocalização preferida tende para um particípio Qal ativo (**קָטַף**), que ocorre duas vezes no texto bíblico (Is 32:10; 33:4).<sup>74</sup> Nas duas ocorrências bíblicas **קָטַף** se refere ao Festival da Colheita (Ex 26:16; 34:22), o que não parece ser o propósito em Gezer levando em consideração o ciclo pretendido pelo Calendário.

### זרע

Entre as 54 ocorrências verbais e 205 nominais na Bíblia Hebraica, é possível identificar dois principais usos do vocábulo, o literal e o simbólico. O simbólico denota descendência e posteridade como em Gn 12:7 onde Deus promete a Abraão “...a tua *semente* (posteridade) da-rei esta terra...” (grifo acrescentado).

O sentido literal é bem menos presente no nome *semente* do que no verbo *semear*. No sentido literal o verbo “reflete muitas atividades agrícolas, já que qualquer que deseja colher deve ter semeado, visto que a semeadura e a colheita dependem uma da outra.”<sup>75</sup> Este processo de semeadura e colheita está intimamente ligado à benção de YHWH. É considerado no Antigo Testamento como sinal de benção ou maldição (Gn 26:12 cf. 8:21; Is 5:10 cf. Dt 28:38).

### לקש

É uma palavra com poucas ocorrências na Bíblia Hebraica. Em Jó 24:6 a raiz **קָשַׁף** aparece na sua forma verbal denotando “segar, recolher.” É a única ocorrência da raiz como verbo<sup>76</sup> na BH. O dicionário BDB admite ainda “despojar, tomar tudo”, o que também é coerente com o contexto da passagem.<sup>77</sup>

Como substantivo a raiz ocorre duas vezes apenas em Amós 7:2 e significa “erva serôdia”: *Isto me fez ver o SENHOR Deus: eis que ele formava gafanhotos ao surgir o rebento da erva serôdia (לְקֶשֶׁף); era a erva serôdia (לְקֶשֶׁף) depois de findas as ceifas do rei.*

<sup>74</sup> Honkel admite a possibilidade da ementa proposta pelos editores da Stuttgartensia para **קָטַף** em Is 24:22 e Mq 7:1. Ver VANGEMEREN, Willem A et al., 1997. v.1. p. 471

<sup>75</sup> BOTTERWECK, G. Johnnes (Editor.); RINGGREN, Helmer; WILLIS, John T., 1997. p.146.

<sup>76</sup> No piel imperfeito 3ª pessoa masculino plural.

<sup>77</sup> BIBLE Works: software for biblical exegesis & research. Norfolk-VA: 2007. 7 CD-ROM.

A erva serôdia ou tardia cresce durante as últimas chuvas que caem antes de começar a colheita.<sup>78</sup> Consiste de uma colheita sem grãos tais como verduras e cebolas.<sup>79</sup>

### עצר

A palavra ocorre em Gezer na expressão פשת עצר da linha 3, que se constitui na porção mais discutida na literatura sobre o Calendário. As dificuldades e as possíveis soluções serão expostas nas linhas abaixo.

A palavra não é encontrada na Bíblia, apenas o vocábulo מְעַצֵּר, proveniente da mesma raiz. Ela aparece em Is 44:12 e Jr 10:3 significando um instrumento de corte, como traduzido na ARA “machado”. Albright destaca que “a palavra cognata Acadiana (*eṣēdu*) significa ‘colher, ceifar’, enquanto que no Árabe o verbo (‘*dd*’) significa ‘cortar, podar, etc.’<sup>80</sup> Esta proposta é endossada por Rifka ao traduzir a mesma raiz por cortar ou abater.<sup>81</sup> Assim, em Gezer עצר<sup>82</sup> deve denotar o ato de cortar ou o tempo do corte do פשת.

### פשת

Da mesma maneira, a forma פשת não aparece nas escrituras hebraicas. Entre as ocorrências bíblicas estão: a forma plural absoluto (פשתים),<sup>83</sup> construto plural (פשתי),<sup>84</sup> singular absoluto (פשתה)<sup>85</sup>, singular construto com sufixo pronominal da primeira pessoa singular (פשתתי).<sup>86</sup> Como se nota nestas formas, embora a palavra פשתה seja feminina, ela se comporta, quando declinada nas formas plural e

<sup>78</sup> SMELIK, 1991, p. 22- 25.

<sup>79</sup> SHALOM M., Paul; CROSS, Frank Moore. **Amos: a Commentary on the Book of Amos**. Minneapolis : Fortress Press, 1991 (Hermeneia- electronic ed.), p. 227.

<sup>80</sup> ALBRIGHT, op.cit., p.22.

<sup>81</sup> BEREZIN, Rifka. **Dicionário hebraico-português**. São Paulo: EDUSP, 1995. p. 508.

<sup>82</sup> Finkestein apresenta o uso e variações de עצר na literatura talmúdica. FINKELSTEIN, Louis. A Talmudic Note on the Word for Cutting Flax in the Gezer Calendar. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. n. 94, p. 28-29, Apr. 1944, JSTOR.

<sup>83</sup> (Lv 13:47,48,52,59; Dt 22:11; Jz 15:14; Pv 31:13; Is 19:9; Jr 13:1; Ez 40:3; 44: 17,18).

<sup>84</sup> (Js 2:6).

<sup>85</sup> (Ex 9:31; Is 42:3; Is 43:17).

<sup>86</sup> (Os 2:7,11).



bíblicas do AT, (4) a referência a פִּשְׁתָּהּ como planta sempre tem um ambiente egípcio (e.g. Ex 9:22-26), (5) o linho também era importado por Ugarite, Tiro e Fenícia e por fim (6) na palestina moderna o linho não é cultivado.<sup>93</sup> Assim Talmon conclui que a frase עֲצֵר פִּשְׁתָּהּ denota o “corte de ervas diversas e pasto”, por isso o período da erva serôdia יִרְחוּ לְקֶשׁ é sinônimo da ceifa do linho עֲצֵר פִּשְׁתָּהּ, que nos rolos do Mar Morto é intitulado *dš*’ (1Qs 10:8).<sup>94</sup>

A solução proposta por Smelik esbarra na observação aparentemente inescapável de Talmon de que o linho não era cultivado na Palestina, quer para a manufatura do tecido ou para o corte da semente com objetivo alimentício ou da extração do óleo. Concorde-se com Talmon que as omissões acima apresentadas com respeito ao “linho” dificilmente podem ser mera coincidência e por isso, de fato, o linho do Antigo Testamento se trata da planta já processada ou colhida. Porém a solução proposta por ele, embora bem elaborada, não parece fazer sentido. Pois as seguintes indagações permanecem sem respostas: se o período da linha 2 (לְקֶשׁ) é paralelo ao da linha 3 עֲצֵר פִּשְׁתָּהּ por que o autor usou palavras tão diferentes? Por que não usou עֲצֵר nas duas linhas? Se são paralelas devem somar 3 meses ou עֲצֵר פִּשְׁתָּהּ deve estar incluído em יִרְחוּ לְקֶשׁ? Além disso, Talmon não mostra o uso de פִּשְׁתָּהּ como erva ou pasto em nenhum outro documento. E por fim o significado de *tyr* parece estar bem fundamentado nas fontes atualmente disponíveis, inclusive no AT.

Para concluir, levando em consideração as informações expostas acima e aquelas ao alcance desta pesquisa, a expressão עֲצֵר פִּשְׁתָּהּ denota o cultivo e colheita do linho. Uma atividade agrícola que devido a fatores afins não era desenvolvida amplamente na Palestina, mas era bem conhecida desde que toda a região se beneficiava da matéria prima proveniente principalmente do Egito, o maior produtor e exportador de linho do mundo antigo. Sendo que Gezer está localizada próxima a fronteira do território israelita com os limites egípcios, seus agricultores estavam familiarizados com a época do cultivo do linho. Por isso עֲצֵר פִּשְׁתָּהּ está presente no Calendário de Gezer. Aqui עֲצֵר é usado no sentido mais amplo de ceifar, o que não exclui a idéia do verbo “cortar” nem que seja após ter sido puxado do solo.

<sup>93</sup> TALMON, S, 1963, p. 177-187.

<sup>94</sup> Ibid., p. 177-187.

## קצר

É uma raiz homônima que denota em קצר (I) colheita, reunião e assembléia e קצר (II) ser curto, ser encurtado, estreiteza, com espírito impaciente, curto.<sup>95</sup> Evidentemente em Gezer nas linhas 4 e 5 tem-se a raiz קצר (I) para colheita. A palavra per se não especifica o tipo de colheita, contudo na linha 5 é identificada pelo adjunto adnominal שערם (cevadas). Na BH קציר aparece 54 vezes com o sentido agrícola literal e com nuances teológicas e metafóricas, que incluem três aspectos principais: (1) a bênção de Deus na qual o pobre e o sem teto participam (Nm 28:26), (2) a metáfora para o julgamento divino quando colhe as nações ou mesmo Israel, ou quando restringe o fruto da terra como punição (Jl 4:13) e (3) um símbolo de esperança (Am 9:13).<sup>96</sup>

## שערם

A palavra שערם no CG é o plural de שַׁעֲרָה, que aparece na BH 34 vezes. Segundo Trever esta palavra pode ter-se derivada da palavra “cabelo ou cabeludo” (שַׁעֲרָה) por causa das longas arestas que se projetam das sementes.<sup>97</sup> A cevada e o trigo parecem ter sido os grãos mais colhidos em Israel (Dt 8:8; Jô 31:40; Jr 41:8; Jl 1:11). A cevada amadurecia cerca de quatro semanas mais cedo do que o trigo, era mais barata do que ele (1Re 7:1, 16,18) e era raramente requerida para as ofertas de cereais (Nm 15: Ez 45:13).<sup>98</sup>

## וכל

A expressão וכל é composta da conjunção ו que coordena os dois núcleos do predicativo na linha 5 e da raiz כול que em Gezer é escrita defectivamente. A raiz כול é encontrada em uma classe de línguas semíticas com uma ampla variação de significados. Porém o significado dominante parece ser “medir”. Originalmente, a raiz denotava uma atividade que demanda medir e fechar em um espaço ou quantidade.<sup>99</sup> Em Is 40:12 o verbo aparece paralelo a outros verbos

<sup>95</sup> VANGEMEREN, v.3, p. 967,968.

<sup>96</sup> Ibid., p. 967, 968.

<sup>97</sup> VANGEMEREN, op.cit., p.1265,1266.

<sup>98</sup> Ibid., p. 1265,1266.

<sup>99</sup> BOTTERWECK, G. Johnnes (Editor.); RINGGREN, Helmer; WILLIS, John T., 1997.p. 85-89.

de medida. A raiz aparece 38 vezes no AT, sendo que nenhuma destas vezes como substantivo, que possivelmente é o caso em Gezer.

Porém tendo em vista toda a informação provinda do uso da raiz verbal, é possível com segurança determinar o significado do uso substantivado da raiz em Gezer. Baumann resume o sentido de כול de forma muito satisfatória e compreensível ao afirmar:

Nas inscrições Hebraicas (Calendário de Gezer, ostraca de Yabneh Yam), kwl aparece no contexto da colheita, entre a sega (*qsr*) e armazenagem (*'sm*). A palavra provavelmente denota não apenas medir o grão, como sugerido por KAI, mas também empacota-lo em recipientes para transportar para armazenagem.<sup>100</sup>

Tal conclusão se coaduna com o ciclo apresentado pelo Calendário de Gezer, como será demonstrado posteriormente.

#### זמר

A raiz aparece na BH mais de 209 vezes, porém sua etimologia parece ser mais complicada devido ao fato de possuir 3 ou 4 raízes homônimas.<sup>101</sup> O contexto não deixa espaço para nenhum significado a não ser o de זמר (II)- podar, em especial uvas. No Antigo Testamento encontra-se a raiz com o mesmo significado em Lv 25:3,4: *Seis anos semearás o teu campo, e seis anos podarás (תִּזְמַר) a tua vinha, e colherás os seus frutos. Porém, no sétimo ano, haverá sábado de descanso solene para a terra, um sábado ao Senhor; não semearás o teu campo, nem podarás (תִּזְמַר) a tua vinha.*

#### קץ

Há geral acordo que a ortografia de קץ na linha 7 da placa de Gezer seja uma reflexo da assimilação dos ditongos na língua fenícia, que foi posteriormente incorporado no dialeto do norte de Israel, nas

<sup>100</sup> Ibid., p.87.

<sup>101</sup> Abaixo consta o significado de cada raiz.

זמר (I) - tocar um instrumento musical, cantar, musicar, louvar (Dicionário H-P)

זמר (II) - podar (uvas)

זמר (III) - força, proteção

זמר (IV) - antílope, gazela

BOTTERWECK, G. Johnnes (Editor.); RINGGREN, Helmer; WILLIS, John T., 1997. p. 91-98.

regiões adjacentes de Samaria.<sup>102</sup> Por isso escreve-se פִּיָּע em vez פִּיָּעָ, ou seja, de ay para ē. Para tal conclusão duas principais razões podem ser atribuídas, (1) a data e local da composição, que já foram discutidas anteriormente, e (2) a construção do texto de Gezer. Quanto a segunda razão, vale ressaltar que desde a linha 1 tem-se no texto o padrão: sujeito + predicativo e cada núcleo do predicativo reflete um atividade agrícola, quer com respeito a colheita, o fruto colhido ou ao armazenamento. Na linha 7 não espera-se uma quebra deste padrão. Por isso levando em conta estas considerações não se espera a frase “um mês é para o fim (פִּיָּע)”<sup>103</sup> e sim “um mês é para o fruto de verão (פִּיָּעָ)”. Adicionalmente um jogo de palavras é feito pelo profeta Amós (8:1,2), que ajuda a elucidar a relação entre פִּיָּע e פִּיָּעָ.<sup>104</sup>

A palavra פִּיָּע ocorre 21 vezes como substantivo e verbo na BH. Em todas elas “relaciona-se ao verão como uma estação do ano, a outra estação sendo o inverno.”<sup>105</sup> Porém algumas vezes refere-se ao fruto que é colhido no verão, como é o caso em 2Sm 16:1,2; Jr 40:10,12; Amós 8:1,2.

## אָבִי

Atualmente, há um certo nível de acordo acerca do significado destas três letras, embora este não seja total. Por exemplo, Smelik, que prefere a indeterminação quanto a natureza do autor da placa oferece duas possibilidades: (1) poderia significar meu pai e (2) alguém poderia ter começado a escrever o alfabeto fenício, mas sem o completar.<sup>106</sup> A segunda opção parece dispensar qualquer tipo de análise, pois beira o absurdo. Por que alguém iria começar a escrever um alfabeto no canto inferior e ainda verticalmente? Além disso, a análise da placa tem demonstrado que sua altura não dever ter passado muito os 10 cm que compreendem o lado esquerdo da placa, que não está quebrado. A primeira possibilidade parece mais razoável, contudo não condiz com um texto completamente defectivo, ou seja, um yod não pode estar marcando um i longo como ocorre no caso de אָבִי.

<sup>102</sup> Dialeto israelita.

<sup>103</sup> A palavra פִּיָּע (fim) aparece na BH aparece 62 vezes.

<sup>104</sup> Ver nota 21 deste capítulo.

<sup>105</sup> VANGEMEREN, Willem A et al, 1997. vol. 3. p. 919.

<sup>106</sup> SMELIK, 1991, p. 23.

Assim levando em conta que o yod é consonantal, esta possibilidade torna-se inadequada.

Por outro lado Albright apresenta apenas duas possibilidades: *Abiya(h)u* “Abias” e *ebyatar* “Abiatar”. Ele mesmo acrescenta, “o último nome, contudo, ocorre apenas uma vez em nossas fontes, no final do século 11, enquanto que o primeiro é achado 4 vezes no final do décimo primeiro e décimo séculos.”<sup>107</sup> Além disso, Abias (אֲבִיָּהּ ou אֲבִיָּהוּ) está mais próximo de yba do que Abiatar (אֲבִיָּתָר), ou ainda de outros nomes que poderiam ser considerados.<sup>108</sup> Desta forma, de acordo com a evidência disponível, a leitura de אֲבִיָּהּ parece ser a possibilidade mais plausível, principalmente pelas ocorrências contemporâneas ao Calendário de Gezer.

O nome Abias (אֲבִיָּהּ) aparece 27 vezes no AT e significa “YHWH é pai”. Desta forma tem-se um nome é especificamente javista. Cabe lembrar que a ocorrência do sufixo יָהּ como forma abreviada de יְהוָה em nomes próprios israelitas, é extremamente comum.<sup>109</sup>

<sup>107</sup> ALBRIGHT, 1943, p. 16-26.

<sup>108</sup> Na lista a seguir os nomes femininos, que poderiam ser considerados aqui, estão ausentes desde que não há registro de escribas do sexo feminino no Antigo Israel.

אֲבִי־עֶלְבוֹן - Abi-Albom (2Sm 23:31);	אֲבִירָם - Abirão (Nm16:1);
אֲבִיאַסָּף - Abiasafe (Ex 6:24);	אֲבִישַׁי - Abisai (1Sm 26:6);
אֲבִי־אֵל - Abiel (1Sam 9:1);	אֲבִישׁוּעַ - Abisua (Ed 7:5);
אֲבִימָאֵל - Abimael (Gn 10:28);	אֲבִישׁוּר - Abisur (1Cr 2:29);
אֲבִיעֶזֶר - Abiezer (Js 17:2);	אֲבִיטָל - Abital (2 Sm 3:4);
אֲבִימֶלֶךְ - Abimeleque (Jz 9:1);	אֲבִיטוּב - Abitude (1Cr 8:11);
אֲבִינָדָב - Abinadabe (1Cr8:33);	אֲבִיהוּא - Abiú (Lv 10:1);
אֲבִינוֹן - Abinoão (Jz 5:1);	אֲבִיהוּדָה - Abiúde (1 Cr 8:3).

**CONCORDÂNCIA bíblica exaustiva.** Jon Jacobs, Milton Vilela. São Paulo: Vida, 1995.

<sup>109</sup> Existem centenas de nomes que poderiam ser listados a seguir, mas a critério de exemplo listam-se alguns profetas:

- יִשְׁעִיָּהוּ - Isaías (1:1)
- יֵרֵמְיָהוּ - Jeremias (1:1)
- עֲבַדְיָה - Obadias (1:1)
- צְפַנְיָה - Sofonias (1:1)
- זַכְרְיָה - Zacarias (1:1)

CONTRIBUIÇÕES DO CALENDÁRIO DE GEZER PARA A COMPREENSÃO DO  
TEXTO BÍBLICO

O Calendário de Gezer, como é o caso de outros achados arqueológicos, tem contribuído de forma significativa na compreensão do mundo bíblico no que diz respeito a língua, ambiente e costumes nos quais a revelação foi dada. A partir daí importantes reconstruções históricas tem se realizado, assim a mensagem bíblica tem sido mais esclarecida. A seguir vê-se como isto ocorre no caso da inscrição de Gezer.

COMPREENSÃO DO CICLO AGRÍCOLA DA PALESTINA NOS TEMPOS DO ANTIGO  
TESTAMENTO

Uma das maiores contribuições da descoberta do Calendário de Gezer foi o esclarecimento do ciclo agrícola da Palestina durante os tempos do Antigo Testamento, em especial no período da Monarquia Unida. Uma análise do ciclo descrito na pedra confirma as palavras de Haim Avni quando afirma que “o Calendário de Gezer oferece um sucinto, mas compreensivo relato do ciclo anual da ocupações sazonais agrícolas.”<sup>110</sup> No quadro abaixo encontra-se o resumo das atividades agrícolas bem como o período do ano de acordo com o Calendário.<sup>111</sup>

Calendário de Gezer	Atividade	Mês do ano (Gregoriano)
(1) ירחו אסף	Colheita do fruto de verão, <sup>112</sup> uva e olivas (Ex 23:16; 34:22)	De Agosto a Novembro
(2) ירחו זרע	Período da sementeira	Dezembro e Janeiro

<sup>110</sup> WIGODER, Geoffrey.ed.. Verbete “Agriculture” de Haim Avni.

<sup>111</sup> Reconstrução feita com base em FREEDMAN, op.cit. p. 63 e 64 e SMELIK, op.cit. p.18.

<sup>112</sup> Entre os frutos colhidos no verão provavelmente estavam abóboras, pepinos e melancias. **The Treasury of Scripture Knowledge: Five Hundred Thousand Scripture References and Parallel Passages.** Oak Harbor: Logos Research Systems, Inc., 1995, (Libronix eletronic ed.).

(3) ירחו לקש	Crescimento da erva serôdia (Am 7:1,2)	Janeiro-Março
(4) ירח עצר פשת	Colheita do linho	Sem menção de cultivo na Palestina
(5) ירח קצר שערם	Colheita da cevada e do trigo (Ex 9:31,32; Rt 2: 23)	Meados de Março a meados de Abril
(6) ירח קצר וכל	Colheita do trigo e medição e armazenamento do grão (Gn 30:14; Jz 15:1)	Meados de Maio
(7) ירחו זמר	Poda e processamento da uva (Lv 26:5; Is 24:13)	Meados de Maio a meados de Julho
(8) ירח קץ	Colheita das frutas de verão	Agosto

Por alguma razão que não se sabe o calendário não segue a ordem natural de semeadura (2) e colheita (1). Em vez disso ele começa com a colheita dos frutos de verão. O ciclo apresenta 5 períodos distintos para a colheita. Os dois primeiros dedicados a colheita dos cereais que ia de meados de março até meados de maio (5 e 6). Esse era o período mais importante para a economia de Israel.<sup>113</sup> Logo após vinha a colheita da uva (7) que envolvia também o preparo e armazenamento do vinho, já que as condições de armazenamento da fruta não eram apropriadas no mundo do AT. Este período terminava em meados de Julho. O quarto período era

<sup>113</sup> Este sempre era alvo do ataque de mercenários durante os anos dos Juízes. Em Jz 6:3 lê-se: “Porque, cada vez que Israel semeava, os midianitas e os amalequitas, como também os povos do Oriente, subiam contra ele.” Em Juízes Gideão aparece malhando trigo no lagar, certamente para despistar os bandos mercenários dos midianitas (Jz 6:11).

dedicado à colheita dos frutos característicos do verão e se estendia até Agosto (8). A temporada de colheita encerrava-se com a ceifa da oliva e o preparo do óleo (1). Vale ressaltar que o período (1) poderia terminar mais cedo e conseqüentemente o (2) poderia começar também mais cedo. Como já foi discutida, a menção da colheita de linho (4) no ciclo de Gezer parece ser mais pela influência cultural e geográfica do Egito.

#### MELHOR ENTENDIMENTO DO BACKGROUND AGRÍCOLA DO TEXTO BÍBLICO

Os primórdios da agricultura na Palestina remontam a um período muito antigo.<sup>114</sup> A fertilidade da terra cananita é enfatizada na Bíblia na expressão “terra que mana leite e mel” que aparece 20 vezes no AT.<sup>115</sup> Os espias trouxeram um fruto da terra que comprovava sua grande fertilidade, era tão grande que dois homens foram necessários para carregá-lo (Nm 13:23). Diferente do Egito que necessitava de irrigação, Canaã possuía o nível pluviométrico anual necessário para a prática da agricultura (Dt 11:10-11). Contudo, os filhos de Israel ao conquistarem a terra não puderam usufruir de seu potencial agrícola. Dois motivos podem ser apontados para isto. Em primeiro lugar, pertenciam a uma tradição pastoril e nômade, e em segundo lugar não estavam acostumados as condições ambientais e climáticas de Canaã.<sup>116</sup>

Com o passar dos anos o quadro mudou radicalmente. Oded Borowisk sintetiza de forma precisa a importância da agricultura para a nação israelita já estabelecida em seu território após algum tempo depois da conquista:

A agricultura era a espinha dorsal do Israel bíblico, onde era praticada tanto pelos moradores da cidade quanto dos vilarejos. Sua influência era muito forte sobre muitas facetas da vida diária, incluindo a religião, lei e comportamento social.<sup>117</sup>

<sup>114</sup> WIGODER, op. cit.

<sup>115</sup> Ver: Ex 3:8; 17; 13:5; 33:3; Nm 13:27; 14:8; 16:13,14; Dt 11:9; 26:9,15; 27:3; 31:20; Js 5:6; Jr 32:22; Ez 20: 6,15.

<sup>116</sup> WIGODER, op. cit.

<sup>117</sup> Ver artigo de Oded Borowisk em FREEDMAN, David Noel. The anchor Bible dictionary. New York: Doubleday, 1992. v. 1. p. 95-98.

De acordo com Borowisk a agricultura dominava não apenas a economia, mas o todo da vida diária de Israel. A própria religião e o culto eram fortemente dominados pelos temas agrícolas.<sup>118</sup> Por isso quanto mais se entende sua agricultura mais entende-se a Israel e por consequência o AT. Pode-se mencionar três fatores apresentados por Borowisk que exemplificam isto. Primeiramente, a Bíblia está saturada com simbolismo, símiles e metáforas nas parábolas, provérbios, profecias, admoestações, hinos e outras formas literárias que evocam temas agrícolas (Jz 8:2; 9:8-15; Is 5:1-8; Ez 17:6-10). Em segundo lugar, muitas leis israelitas relacionavam-se com a agricultura e ao mesmo tempo regulamentavam muitos aspectos dela (proteção da herança familiar - Nm 27:1-8; proteção e suporte do pobre - Ex 23:11; Lv 23:22; Dt 24:21; idade que o fruto seria colhido, tipo de planta e onde poderiam ser plantados - Lv 19:19; Dt 22:9). E por fim os três principais festivais associados com as peregrinações a Jerusalém celebravam o princípio ou o fim das estações agrícolas. A páscoa também celebrava o início da colheita do cereal (cevada), a Festa das Semanas ou Pentecostes celebra o fim da colheita do cereal (trigo) e a Festa dos Tabernáculos marca o fim da colheita do fruto e o início da sementeira.<sup>119</sup>

Teologicamente a agricultura era também um instrumento de juízo na mão de Deus. Enquanto Israel, como nação, permanecesse fiel a sua aliança Deus enviaria chuva e a colheita seria próspera (Lv 26:5), porém ao ser infiel, Ele enviaria a praga, a seca e o desastre da colheita para que se voltasse a ele em arrependimento.

Assim, a comparação das informações do texto bíblico concernentes a agricultura e a análise do texto de Gezer revela um quadro totalmente harmônico, que ao mesmo tempo em que esclarece também confirma o texto do AT. Isto acontece no caso dos três festivais acima mencionados. O quadro a seguir esclarece a relação:

---

<sup>118</sup> Ibid., p. 95-98.

<sup>119</sup> Ibid., p. 95-98.

Festival	Conexão agrícola	Calendário de Gezer	Mês	Texto bíblico
Páscoa <sup>121</sup>	Início da colheita da cevada	ירח קצר שערם	Abril <sup>122</sup> (Nissan)	Ex 12; Lv 23:6-8; Nm 9:1-5; 28:16
Semanas ou Pentecostes.	Fim da colheita do trigo	ירח קצר וכל	Meados de Maio <sup>123</sup>	Jr 5:24; Dt 16:9; Is 9:2; Ex 34:18-26; Lv 23:15-22
Tabernáculos	Fim da colheita dos frutos e início da sementeira	ירחו אסף ירחו זרע	Início de Outubro <sup>124</sup>	Dt 16:13-16; 31:10; Lv 23: 39-43; Zc 14:16,18,19; Ed 3:4 2Cr 7:8

Outras linhas de evidência têm sido oferecidas pelo estudo da inscrição, como a seqüência linho-cevada que aparece em Ex 9:31 que é confirmada em Gezer. Adicionalmente, a cronologia de certos eventos pode ser determinada através do conhecimento do ciclo sazonal exposto no Calendário de Gezer. Desta forma é possível saber em que época do ano Rute trabalhou no campo de Boaz com suas

<sup>121</sup> Também era chamada de festa dos Pães Asmos (Ex 12:17; Lv: 23:5-6).

<sup>122</sup> 14 de Nissan (em Êxodo chamado de Abib).

<sup>123</sup> Considerando ordem para oferecer o “omer” sobre o dia seguinte após o Sábado, Os Rabis mantinham que “sábado” aqui quer dizer simplesmente um dia de descanso e se refere a Páscoa. Os saduceus disputavam esta interpretação, afirmando que o “sábado” aqui refere-se ao sábado semanal. Deste modo poderiam transferir a conta das “sete semanas” do dia seguinte do primeiro sábado na Páscoa, de modo que o Pentecoste sempre poderia cair no Domingo. PENTECOST. Disponível em <[http:// www.jewishencyclopedia.com](http://www.jewishencyclopedia.com)>. Acesso em 23 maio 2008.

<sup>124</sup> No dia 15 de Tishri, equivalente ao fim de setembro e início de outubro no calendário gregoriano.

empregadas (Rt 2:23), a saber de março a maio até terminar a colheita do trigo. E também o tempo do episódio entre Lia e Raquel em Gn 30:14, onde Ruben vai ao campo no tempo da colheita de trigo (קציר ירח) e encontra algumas mandrágoras. É possível também entender mais claramente a proporção da benção que YHWH estava disposto a dispensar a Israel ao prometer que a debulha,<sup>125</sup> que começava no ירח קציר וכל, se estenderia até o ירחו זמר (vindima) e esta até o זרע ירחו (sementeira). Em outras palavras Deus abençoaria cada etapa do ciclo sazonal agrícola de Israel, visto que o período 6 (colheita do trigo e armazenamento) fosse considerado o da debulha, este envolvia também a cevada e o trigo colhido já no período 5 (colheita dos cereais-cevada e trigo). A safra da uva seria tão grande que sua poda (período 7) perpassaria os períodos 8 (colheita do fruto de verão) e 1 (colheita dos frutos-Festa dos Tabernáculos) e chegaria até a sementeira no período 2. Ou seja os filhos de Israel teriam o que colher o ano inteiro.

Para mais um exemplo de como o Calendário de Gezer pode ser útil no esclarecimento do texto bíblico, duas passagens em Amós podem ser mencionadas aqui. Em Amós 8:1,2 os frutos de verão são usados como figura do iminente juízo contra o povo de Israel. Os frutos de verão eram colhidos no fim do ano (período 8-ירח קץ). Então a mensagem ganha uma nova faceta: assim como mais um ano estava terminando as chances misericordiosas de Deus também estavam, se não se arrependessem de seu pecado não apenas o ano terminaria mas a nação israelita também. Em Amós 7:1,2 os gafanhotos, que na visão do profeta são os instrumentos de Deus para efetuar seu juízo, chegam trazendo destruição no ירחו לקש (período 3). Este ataque “toma lugar na época quando as safras tardias estavam começando a brotar”.<sup>126</sup> Por isso “os resultados eram extremamente deletérios.”<sup>127</sup> Os terríveis efeitos de tal ataque podem ser resumidos como seguem:

Na época em que o que foi semeado por último está começando a brotar, o que foi semeado primeiro, a colheita do grão, já está

<sup>125</sup> FREEDMAN, op. cit. vol. 3.

<sup>126</sup> SHALOM M., Paul; CROSS, Frank Moore. **Amos: a Commentary on the Book of Amos**. Minneapolis : Fortress Press, 1991 (Hermeneia- electronic ed.) p. 226.

<sup>127</sup> Ibid., p. 226.

bem avançado. Assim, os gafanhotos devastariam não apenas a última safra mas também a mais desenvolvida e ainda a nem madura, primeira safra - significando uma catástrofe agrícola total.<sup>128</sup>

Como se vê uma compreensão do ciclo sazonal agrícola da Palestina pode lançar importante luz sobre os textos bíblicos com background agrícola numa sociedade em que a agricultura era ao mesmo tempo o meio de subsistência, uma maneira de demonstrar confiança naquele que fazia a chuva cair e tinha sob seu controle as pragas que poderiam destruir as lavouras e um sinal da aprovação ou juízo divino.

#### CONTRIBUIÇÃO LEXICAL

De especial importância no estudo do Calendário de Gezer e sua contribuição para o texto bíblico é o fato de que todas as raízes ocorrentes em Gezer estão presentes na Bíblia. Assim o estudo destas palavras lança luz adicional ao léxico da BH. Entre estas ocorrências podem-se destacar dois grupos entre as 11 palavras da placa: as que ocorrem mais de 25 vezes na BH ou seu significado é bem definido dentro do léxico e as que ocorrem menos de 25 vezes ou o seu significado é menos definido.

No primeiro grupo está a raiz ירח (mês lunar ou lua) que ocorre 41 vezes na BH. É do conhecimento de todos os estudantes do Antigo Oriente Próximo que o calendário era predominante lunar.<sup>129</sup> Esta é a realidade também do AT expressa no uso ירח bem como na literatura extra bíblica como é o caso no Calendário de Gezer. As palavras אסף (colheita) e זרע (semeadura) são as que ocorrem mais vezes na BH, respectivamente 233 e 258 vezes. Neste caso o léxico da BH é que oferece maior esclarecimento para a inscrição de Gezer do que o inverso. A raiz de שערם (cevadas) ocorre 34 vezes e seu significado é bem definido no texto bíblico, da mesma forma que a raiz קצר que aparece 160 vezes. No caso de פשת (linho), o vocábulo assume maior importância já que provê o testemunho da forma sem aformativos que não é encontrada na Bíblia. Nas 16 vezes em que ocorre na BH está sufixada pronominal ou pluralmente.

<sup>128</sup> Ibid., p. 226.

<sup>129</sup> FREEDMAN, David Noel. **The Anchor Bible Dictionary**. electronic ed. New York : Doubleday, 1996. p. 810-820.

Entre as palavras do segundo grupo está a raiz זמר que embora apareça 209 vezes na BH, sua ocorrência no Calendário de Gezer se mostra importante por ser uma raiz homônima com 3 significados diferentes.<sup>130</sup> A nuance de significado encontrada em Gezer ocorre apenas em duas passagens bíblicas (Lv 25:3,4). Neste caso Gezer torna-se muito útil para a fixação do significado da palavra no AT. De igual importância é a ocorrência da raiz verbal<sup>131</sup> כל que aparece na BH geralmente significando no Qal “segurar, encerrar, abarcar, prover”<sup>132</sup> e nas línguas semíticas “medir”.<sup>133</sup> Mas o ciclo sazonal agrícola de Gezer oferece a forma nominal não encontrada na Bíblia bem como um significado ampliado da palavra denotando “não apenas medir o grão”, mas “também empacota-lo em recipientes para transportar para armazenamento”.<sup>134</sup> As duas raízes mais raras do Calendário de Gezer que ocorrem na BH são לקש e עצר que aparecem respectivamente 3 (Am 7:2) e 2 (Is 40:12; Jr 10:3) vezes. Por isso toda ocorrência extra bíblica torna-se importante e esclarecedora. No caso de לקש (erva serôdia), seu significado fica muito mais aparente quando entendido no ciclo sazonal de Gezer. Quanto a raiz עצר, ela não é encontrada na BH a não ser na forma nominal מְעַצֵּר; (machado, instrumento de corte). Na literatura extra bíblica denota o ato de “cortar, podar”. Assim o significado do substantivo bíblico é justificado. Por fim, a ortografia do vocábulo קץ provê *insight* precioso sobre a mensagem profética em Am 8:1,2 como já foi discutido no capítulo 2 desta pesquisa.

#### EVIDÊNCIA DA DIFUSÃO DA ESCRITA

Como Millard declara “as descobertas arqueológicas das recentes décadas tem mostrado acima de qualquer dúvida que a escrita era bem conhecida na Palestina durante o período do governo israelita”.<sup>135</sup> Ao que parece, a sociedade israelita alcançou

<sup>130</sup> Ver nota 101.

<sup>131</sup> Neste ponto tal especificidade torna-se necessário visto que o pronome relativo כל, כול, כל ocorre na BH 4240 vezes.

<sup>132</sup> KIRST, op. cit.

<sup>133</sup> Ver nota 98.

<sup>134</sup> Ver nota 100.

<sup>135</sup> MILLARD, Allan R. **The Practice of Writing in Ancient Israel**. Associates for Biblical Research: Bible and Spade. Associates for Biblical Research, p.73, v.2, n3, 2005.

o alfabetismo<sup>136</sup> bem cedo em seu desenvolvimento. O fator que mais pode ter contribuído para isto tenha sido a “inovação de uma escrita alfabética de relativamente poucos símbolos, ao contrário de centenas de sinais silábicos e pictográficos mais complexos da escrita cuneiforme e dos hieróglifos.”<sup>137</sup> Albright declara que “o alfabeto de 22 letras poderia ser aprendido em um dia ou dois por um estudante brilhante e em uma semana ou duas pelo mais obtuso; por isso poderia se espalhar com grande rapidez.”<sup>138</sup> Isto sem dúvida contribuiu para a difusão da escrita por todo o antigo Oriente Próximo, inclusive no território israelita. O “alfabeto já estava se desenvolvendo na Siro-Palestina antes da chegada dos Israelitas na última metade do segundo milênio.”<sup>139</sup>

Harold Scanlin apresenta cinco evidências arqueológicas para a difusão da escrita: (1) a descoberta de centenas de selos hebraicos,<sup>140</sup> (2) a abundância de escrita ocasional,<sup>141</sup> (3) tabletes com abecedários inscritos, (4) o alfabeto como marca de trabalhadores e (5) a prática de inscrever em vasos de cerâmica.<sup>142</sup>

A difusão da escrita em Israel também emerge do próprio texto

<sup>136</sup> Segundo o dicionário Aurélio “estado ou qualidade de alfabetizado”. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; ANJOS, Margarida dos; FERREIRA, Marina Baird. **Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Um bom sinônimo na língua inglesa seria “literacy” que significa “capacidade de ler e escrever”.

<sup>137</sup> CARROLL R., M. Daniel. “**Perspectives on Theological Education from the Old Testament.**” *Evangelical Review of Theology*. v.29, n. 3, 2005. (electronic ed.)

<sup>138</sup> MILLARD, op.cit., p. 77.

<sup>139</sup> CARROLL, 2005.

<sup>140</sup> “Digno de nota é a ocorrência do tetragrama divino YHWH como um elemento em nomes pessoais umas 134 vezes” MILLARD, op.cit., p. 78.

<sup>141</sup> Millard propõe três categorias para os textos conhecidos de acordo com seu conteúdo e destino: (1) monumental, textos para a exibição pública como registros permanentes; (2) profissional, produzida uma classe treinada responsável por isto; e (3) ocasional, classe de escritos desconsiderados nas inscrições hebraicas descobertas, estes são vasos de cerâmica e outros objetos sobre os quais os nomes de seus proprietários ou uma nota de conteúdo têm sido escrita, e uma miscelânea de rabiscos sobre vários tipos de superfícies de pedras. MILLARD, op.cit. p. 73-82.

<sup>142</sup> SCANLIN, Harold P. The emergence of the writing prophets in Israel in the mid-eighth century. *Journal of the Evangelical Theological Society*, v.21, p.305-313, 2002.

bíblico. Daniel Carrol coletou uma amostra desta evidência textual que a seguir está reproduzida na sua íntegra por ser de extrema relevância e interesse. Como ele mesmo declara esta evidência textual “assume um grau de alfabetismo e produção literária entre o povo de Israel desde os tempos mais primitivos” e sem dúvida “atesta para muitos tipos de escrita, do administrativo e político ao banal.”<sup>143</sup>

- a. O próprio YHWH escreve com seu dedo as tábuas, que deviam ser depositadas na arca da aliança para todo o povo (Ex 24:12; 31:18; 32:15-16; 34:1; cf. Ex 32:32);
- b. A Torá em várias ocasiões é descrita como um livro (*sefer*), que contem as leis que Israel deveria saber e obedecer (Dt 29:20; Js 1:8; 1Re 2:3; 2Re 14:6; Jr 25:13; Dn. 9:11, 13);
- c. Moisés anotou um relato da batalha contra os Amalequitas (Exod. 17:14);
- d. Maridos poderiam produzir certificados de divórcio (Deut. 24:1-3);
- e. Diferentes pessoas compõe documentos de vários tipos (Jz 8:14; 2Sm 11:14-15; 1Re 21:8-9; 2Re 10:1, 6-7);
- f. Genealogias eram criadas e consultadas para diversos propósitos (Nm 11:26; Ne 7:5-64);
- g. Relatos narrativos mencionam outras fontes escritas, como o Livro dos Justos (Js 10:13; 2Sm 1:18) e os anais dos reis de Israel e Judá (1Re 11:41; 22:39; 2Re 1:18; 20:20; 24:5), para os quais os leitores ou ouvintes poderiam ir para mais informação histórica;
- h. Por volta do oitavo século alguns reis e profetas conseguiram escrever composições literárias (Is 38:9; cf. 1Re 4:32; Is 8:1; 30:8; cf. Jr 36:2; Hb 2:2)
- i. Jeremias escreve uma carta aos exilados em Babilônia (Jr 29:1) e assina um ato de venda para uma propriedade em Anatote (Jr 32:10).
- j. Neemias e outros escrevem e selam um acordo (Ne 10:1);
- l. Mordecai e Ester enviam cartas ao Judeus espalhados pelo Império Pérsia para anunciar a celebração do Purim (Et 9:20-23,29-30);
- m. O Antigo Testamento menciona secretários e escribas através da história da monarquia (2Sam 8:17; 20:25; 1Re 4:3; 2Re 18:18; 22:3; Jr 36:4, 12).<sup>144</sup>

<sup>143</sup> CARROLL, op.cit.

<sup>144</sup> CARROLL, 2005.

O Calendário de Gezer é um expressivo testemunho da difusão da escrita na Palestina já durante os anos de reinado de Salomão e de que a sociedade israelita era alfabetizada, o que explicitamente ou implicitamente fica claro a partir dos textos acima. Gezer distava de Jerusalém uns 30 km, mas a inscrição demonstra que mesmo ali havia pessoas com habilidade de escrever, possivelmente um escriba em treinamento. Pode-se inferir, então, que por volta do século 10 a.C. a difusão da escrita já estava em rápido crescimento. O achado de Gezer torna-se mais importante, pois documentos escritos antes de 750 a.C. são limitados.<sup>145</sup>

#### EVIDÊNCIA DA RELIGIÃO JAVISTA

Além disso, há também o vocábulo יָבֵז, que como já foi anteriormente dito, provavelmente refere-se ao autor do Calendário de Gezer. A análise deste nome oferece importante evidência para a religião javista no período da Monarquia Unida.

Como se sabe o conceito de nome no AT vai muito além da concepção atual sobre ele. De fato “no antigo mundo semita o nome de uma pessoa frequentemente carregava mais do que uma marca de identificação; era considerado uma descrição do caráter ou condições”<sup>146</sup> e ainda poderia “significar a natureza ou os atributos do indivíduo nomeado”<sup>147</sup>. O próprio significado do vocábulo hebraico para nome (יָבֵז) pode variar em “nome, reputação ou fama”.<sup>148</sup>

Assim através do nome da pessoa pode-se inferir sua ocupação<sup>149</sup>, linhagem<sup>150</sup>, circunstâncias de nascimento,<sup>151</sup>

<sup>145</sup> Estes achados se restringem a ostracas de Samaria, poucas ostracas e grafites espalhadas tais como as de Hazor Stratum VIII, e o Calendário de Gezer. Em seu artigo Millard discute de forma sucinta a questão da antiguidade da escrita no Antigo Israel à luz das descobertas atuais. MILLARD, op.cit., p. 73-72.

<sup>146</sup> VANGEMEREN, Willem A et al., 1997, p. 147-151.

<sup>147</sup> VANGEMEREN, op. cit., p. 147-151.

<sup>148</sup> KIRST, op. cit., 2004.

<sup>149</sup> Amós: aquele que carrega os cargos. ARCHER, Gleason L; CHOWN, Gordon. Merece confiança o Antigo Testamento. reimp. São Paulo: Vida Nova, 1991. p. 246.

<sup>150</sup> Abimeleque: meu pai é rei.

<sup>151</sup> Jabez: a explicação para o seu nome encontra-se no próprio texto bíblico: por que com dores o deí a luz (1Cr 4:9). “As palavras hebraica para Jabez (יָבֵז) e

religião<sup>152</sup> e muito mais. Evidentemente esta era também a prática israelita. Quanto ao conteúdo os nomes israelitas podem ser divididos em teofóricos<sup>153</sup> ou seculares.<sup>154</sup> No caso dos nomes teofóricos, eles não apenas revelavam o deus que era adorado, mas o tipo de relacionamento que se tinha com ele. No monoteísmo judaico apenas o nome de Deus era utilizado quer prefixado ou sufixado. Os elementos teofóricos mais usados pelos Israelitas eram אֱלֹהִים<sup>155</sup> e o tetragrama,<sup>156</sup> o último sempre usado de forma abreviada, a saber yeho (יְהוֹ)<sup>157</sup> e yo (יִי)<sup>158</sup> no início e yahu (יְהוּ)<sup>159</sup> e yah (יָה)<sup>160</sup> no final.<sup>161</sup>

O uso teofórico das formas abreviadas de YHWH nos nomes israelitas de maneira tão difundida faz lembrar que o dogma central de Israel é a exclusividade de Javé como Deus verdadeiro. De fato Javé é o Deus da aliança que se apresenta a Moisés como o Deus absoluto do universo que escolhe Israel para ser sua peculiaridade e sua testemunha para as outras nações. É um fato incrível que até hoje não tem

dor (עֲבָד) são similares. HICKS, John Mark: 1 & 2 Chronicles. Joplin, Mo.: College Press Pub. Co., 2001. p.88.

<sup>152</sup> No caso de Daniel e seus três amigos, a troca de seus nomes evidentemente tinha o objetivo de envolvê-los no culto das divindades babilônicas. A troca dos nomes poderia ser a troca de sua própria religião. Para uma compreensão dos novos nomes dados a eles ver: NICHOL, Francis D; FORTES, Valerio Silva. **Comentários sobre Daniel**. 4. ed. São Paulo: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia-IAE, 1987.

<sup>153</sup> Esses nomes também eram comuns em acadiano e egípcio. Eram nomes acoplados com designações de divindades, como por exemplo “filha/filho da divindade X” WIGODER, Geoffrey.ed. **Names**. Enciclopédia Judaica. Judaica Multimedia: Jerusalém.

<sup>154</sup> Enciclopédia Jucaica ver artigo completo sobre os nomes na Bíblia.

<sup>155</sup> A título de exemplo segue: Joel, Daniel e Samuel.

<sup>156</sup> Sobre a origem do tetragrama ver: JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus; BIDDLE, Mark. **Theological Lexicon of the Old Testament**. Peabody: Hendrickson Publishers, 1997. vol. 2 p. 522-526 e WIGODER, Geoffrey.ed. **Names of God**. Encyclopaedia Judaica. Judaica Multimedia: Jerusalem.

<sup>157</sup> יְהוֹשֻׁעַ - Josué.

<sup>158</sup> יוֹכָבֵד - Joquebede.

<sup>159</sup> יִשְׁעִיָּהוּ - Isafias.

<sup>160</sup> עֲבַדְיָה - Obadias.

<sup>161</sup> WIGODER, Geoffrey.ed. **Names**. Encyclopaedia Judaica. Judaica Multimedia: Jerusalém.

sido encontrada qualquer demonstração do nome YHWH fora de Israel sem nenhuma ambigüidade discutível.<sup>162</sup> Esta concepção está expressa na famosa exortação mosaica: *Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor* (Dt 6:4). Por essa e outras razões John Bright foi levado a concluir que o javismo é uma religião sem paralelos no mundo antigo.<sup>163</sup>

A tradição religiosa dos hebreus é denominada javismo.<sup>164</sup> A erudição crítica, principalmente no início do séc 20, a considerava como fruto de um processo evolutivo. Na maioria das vezes tomando forma somente no período pós-exílico. Como é o caso da concepção que fundamenta a Hipótese Documentária de Wellenhausen, que se espalhou de forma espantosa no mundo acadêmico-teológico. Bright Assim expõe a questão:

Os manuais mais antigos descrevem geralmente a religião de Israel em termos de um desenvolvimento evolutivo de formas inferiores a formas superiores ... em virtude disto, a religião de Israel ficou vazia de conteúdo.<sup>165</sup>

Atualmente estas concepções têm sido seriamente discutidas e rejeitadas mesmo nos círculos acadêmicos de teologia.<sup>166</sup> E um dos fatores que tem contribuído para isto é a descoberta de novos achados arqueológicos que tem lançado luz sobre o passado de Israel e seus vizinhos.

É neste ponto que o Calendário de Gezer oferece uma importante evidência para a discussão da origem da religião javista.<sup>167</sup>

<sup>162</sup> WESTERMANN, op. cit., p.522-526.

<sup>163</sup> BRIGHT, John; SILVA, Euclides Carneiro. **História de Israel**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981. p.184.

<sup>164</sup> SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. **As religiões: ontem e hoje**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982. p. 148.

<sup>165</sup> BRIGHT, op. cit., p. 185.

<sup>166</sup> Ver: HASEL, Gerhard F. **A interpretação bíblica hoje**. Itapetecica da Serra- SP: SALT-IAE, 1985.

<sup>167</sup> Os princípios fundamentais do javismo podem ser resumidos assim: “a crença na existência de um só Deus, Criador do mundo e doador de toda a vida; a crença de que Deus é santo e justo, sem sexualidade ou mitologia; a crença de que Deus é invisível ao homem, exceto sob condições especiais, e que nenhuma representação gráfica ou plástica dele é permissível; a crença de que Deus não é restrito a qualquer parte de sua criação, mas que está igualmente presente nos céus, no

É importante ter em mente que “a questão da origem do nome do Deus de Moisés está entretida com o problema do princípio histórico do javismo”.<sup>168</sup> Desta forma se a emenda em (יהוה) estiver correta tem-se aqui um nome teofórico israelita sufixado com a forma abreviada do tetragrama que oferece evidência que o javismo já existia na última metade do séc. 10. O autor da inscrição era, então, um adorador de YHWH que morava em Gezer 400 anos depois da saída do povo de Israel do Egito.

Esta evidência contraria a concepção evolucionista da religião de Israel, que ainda parte da erudição bíblica pretende sustentar. De alguma forma a evidência proveniente de Gezer aponta para a conclusão de Bright acerca da história do javismo: “suas tradições mais sagradas e instituições características já tinham adquirido forma normativa no período mais remoto de sua vida na Palestina.”<sup>169</sup>

#### CONCLUSÃO

A pesquisa do Calendário de Gezer mostrou-se um campo frutífero de conhecimento. Longe de pretender ser dogmático quanto às conclusões expostas ao longo do trabalho ou até de aspirar esgotar o assunto abordado na presente pesquisa, o presente estudo permanece aberto para novas abordagens e campos não explorados. De fato comprovou-se que o renomado Albright disse certa vez:

Novamente que vemos todas as descobertas arqueológicas devem ser revistas periodicamente à luz de mais extensivo conhecimento, que os resultados mais limitados das interpretações pioneiras não necessariamente significam que os materiais são de pouca

---

deserto ou na Palestina; a crença de que Deus é superior a todos os seres criados, quer sejam mensageiros angélicos, demônios ou deuses falsos, que ele permanece absolutamente único; a crença de que Deus tinha escolhido Israel por um concerto formal para ser seu povo favorecido, guiado exclusivamente por leis impostas por Ele.” Crabtree citando W.F Albright em seu artigo “Archaeology and the Religion of Israel”. CRABTREE, A. R. **Teologia do Velho Testamento**. 4. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. p. 26.

<sup>168</sup> WESTERMANN, op. cit. p. 522.

<sup>169</sup> BRIGHT, op. cit., p. 187.

importância para o historiador e filologista bíblico. O futuro revelará muitas surpresas dos antigos achados bem como das recentes descobertas.<sup>170</sup>

Na primeira parte foram expostas as questões e discussões básicas sobre a história da descoberta, data da composição, conteúdo e propósito da inscrição. Logo após na segunda parte foi fixado o texto e sua tradução e foram analisadas as questões lingüísticas que envolvem o texto de Gezer. E por fim foram verificadas as implicações do que foi discutido nos dois primeiros capítulos referentes ao Calendário de Gezer.

Conclui-se, então, que a importância da compreensão do Calendário de Gezer para um melhor entendimento do texto bíblico baseia-se em cinco contribuições. Em primeiro lugar, o ciclo sazonal agrícola apresentado no Calendário oferece importante paralelo para a ordem dos eventos agrícolas durante os tempos bíblicos do Antigo Testamento. Em segundo lugar, proporciona um melhor entendimento do contexto agrícola em que diversas passagens do Antigo Testamento estão inseridas. Em terceiro lugar, o texto do Calendário de Gezer contribui com a ocorrência de doze raízes diferentes que aparecem no texto da Bíblia Hebraica. E por esta razão também se torna a testemunha decifrável mais antiga bem como importante do hebraico bíblico. Em quarto lugar, provê evidência expressiva para a difusão da escrita no território israelita pelo menos desde o séc. 10 a.C., o que se coaduna com a própria reivindicação do Antigo Testamento se tomado como fonte histórica confiável. E finalmente fornece evidência para a difusão da religião javista desde os tempos salomônicos. O que contraria a concepção evolucionista da religião de Israel que muitos ainda hoje pretendem sustentar.

Desta maneira, o calendário de Gezer desponta no cenário acadêmico como um importante achado arqueológico que provê ao estudante moderno da Bíblia um *insight* adicional quanto ao contexto do antigo Israel bem como ao texto bíblico.

---

<sup>170</sup> ALBRIGHT, op. cit., p. 25.